



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

EDILAN DOS SANTOS

A HISTÓRIA ORAL E DOCUMENTAL SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA NA
REGIÃO DO UAÇÁ/RIO CURUPI

OIAPOQUE-AP

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA.

A HISTÓRIA ORAL E DOCUMENTAL SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA NA
REGIÃO DO UAÇÁ/RIO CURIPI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção de Grau de Licenciatura do Curso Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, Habilitação em Linguagens e Códigos, sob orientação da Prof^a Dr^a Gelsama Mara Ferreira dos Santos.

RESUMO

Este é um trabalho relacionado ao movimento da educação escolar indígena na era SPI entre o povo indígena Karipuna ao qual pertencço, que se encontra na terra indígena Uaçá, no estado do Amapá. O objetivo deste trabalho é reconstruir a história da implantação da Escola na região do Uaçá a partir de documentos oficiais do “Serviço de Proteção aos Índios” – SPI (1910-1967), documentos de 1942 até o ano 1963. Nestes documentos encontramos o que se refere à colocação da ‘primeira cumieira da casa (que seria a escola)’, junto a isso, vou confrontar depoimentos de pessoas que vivenciaram o processo de educação escolar indígena nas aldeias. Eu pretendo traçar uma linha de raciocínio focada no projeto Escola, como ela foi pensada, por quem e para quem. O segundo objetivo é organizar e montar uma base de documentos escritos e orais acerca do tema e disponibilizá-la aos alunos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP, o qual eu pertencço, e a todos que interessar. No meu trabalho realizei pesquisa de campo entrevistando as pessoas que eu identifiquei nos documentos, parentes Karipuna, inclusive meu avô, seu Abel dos Santos, que vivenciou todo esse processo. Nestas entrevistas encontrei informações totalmente diferentes aos trabalhos já escritos sobre nós. Nos documentos oficiais eu encontrei toda a formalização da organização das escolas desde o controle dos trabalhos dos professores pelos chefes do SPI até as atividades que envolviam a língua indígena que, segundo os informantes, os chefes do SPI proibiam eles de falar a sua própria língua materna.

Palavras-Chave: Educação; Língua; Karipuna

HEZUM

Sa thavai-la helasionē dji kumā edukasiō dji lekol ēdjē lādā sezō dji SPI la mitā dji pov ēdjē karipun, sa ki mo ka fe pa dji li, ki lokalize la late dji ēdjē Uasa, ixtad dji Amapá. Obijetxiv dji sa thavai-la a pu hu kōte ixtua dji kumā pu fe gāiē lekol la hejiō dji Uasa, ke hephuezētasiō dji papie ofisial dji “Thavai dji Photesiō pu Ēdjē” - TPĒ (1910-1967), papie dji 1942 juk anē 1963, lādā sa papie-iela ki mo gade, mo kōthe djipi tā kā ie kumase mete phomiē... dji kaz ki te sa Lekol, hasāble tut sa, mo ke mōthe koze dji mun ki viv tut sa phoses dji Lekol dji Edukasiō Ēdjē la komunite, mo le fe un lin dji majinasiō suje phoje Lekol, dji kumā ie majinē fe, ki mun ki majinē i pu ki mun ie majinē sa phoje lekol. Deziem obijetxiv ki mo le a ohganize i mōte un asistās dji papie ki ekhi i koze suje tem i djisponibilize pu tut alun-iela dji sa kus dji tut mias dji ēdjē dji UNIFAP, sa ki mo ka fe pa dji li, i pu tut mun ki gāiē itehes. La mo thavai mo peskize, mo dumāde dji mun ki mo hu konet ie nō lādā papie ki mo gade, lafamī karipun, i lādā mo ue nō dji mo ghāpapa Abel dos Santos ki viv tut sa phoses. Lādā sa koze ke sa mun-iela mo kōthe ifohmasiō totalmā djifehā dji tut thavai ki deja ekhi suje no. Lādā papie-iela ofisial mo kōthe fohmalizasiō i ohganizasiō dji lekol-iela dji pi kōthol ki xef-iela dji SPI te ka kōtholedji thavai-iela dji methes-iela juk atxivite suje lang mamā ki, deziem mun-iela ki hakōte pu no ki xef-iela te ka mete pu ie pa pale lādā ie phop lang mamā.

PAHOL-IELA: Edukasiō; Lang; Karipun

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A CHEGADA DO POVO KARIPUNA À REGIÃO DO UAÇÁ	08
1.1 Localização do povo Karipuna do rio Curipi no município do Oiapoque	08
2 COMO ESSE TRABALHO FOI DESENVOLVIDO	10
3 A RETOMADA DO PROJETO ESCOLA PELO SPI – 1940	12
3.1 A construção das Escolas na região do Uaçá	15
3.1.1 A Escola da aldeia Kumarumã	15
4 A ESCOLA DO RIO CURIPI	17
4.1 Escola de alvenaria de Santa Isabel	25
5 CONTROLE DAS ATIVIDADES DA ESCOLA PELO SPI	29
6 PLANO DE EDUCAÇÃO SPI - 1957	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXO I – DOCUMENTOS DAS ESCOLAS DO UAÇÁ	49
ANEXO II - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	55

INTRODUÇÃO

A Escola, como parte do projeto da política educacional integracionista da agência indigenista do Serviço de Proteção aos Índios – SPI (1910-1967), foi implantada nas comunidades indígenas do Brasil como forma de torná-los cidadãos brasileiros dentro dos princípios de civilidade e nacionalidade definidos no Programa Educacional Indígena (SPI - 1959). Aqui na região Norte do Brasil, no Estado do Amapá, precisamente na região do Oiapoque, os primeiros projetos de implantação de escola já tinham sido pensados para a área do Uaçá desde 1927. Nos relatórios das visitas ao rio Oiapoque da comissão Rondon, em 1927, já demonstram a preocupação em manter as fronteiras protegidas através da criação de um Posto indígena e de uma Escola como as primeiras instituições destinadas a “incorporar os indígenas à sociedade”. As localizações geográficas estão assim descritas “os Galibis vivem no alto Uaçá, os Paricurás ocupam o rio Urucauá, os Caripunas o rio Curipi” (Tassinare, 2016, p.68).

De acordo com os registros dos pesquisadores o sistema de educação escolar foi implantado na área do Uaçá em 1930 como uma tentativa de controlar a região da fronteira Brasil/França (Segundo (Arnoud 1969:10). Em 1934, duas importantes pessoas, para nossos parentes, a prof^a. Verônica Leal Paes Lemos e a prof^a. Eudoquinha Fernandes Monteiro foram contratadas pelo governo para trabalharem na Vila do Espírito Santo no Curipi e em Santa Maria dos Galibis, hoje Kumarumã. A passagem dessas duas professoras são lembranças presentes quando se fala da escola na região do Uaçá até 1937, quando as escolas param de funcionar. Essas escolas só funcionaram por 3 anos, até 1937. O SPI só chegou a atuar de fato na região na década de 40, segundo Carina *et al* (2016, p. 46).

O SPI instalou duas unidades locais em Oiapoque, o Posto Indígena de Fronteira e Vigilância Luiz Horta, em 1941, e o Posto Indígena de Educação e Nacionalização Uaçá, em 1942. O PI Luiz Horta instalado na confluência do rio Muripi ou Marupi com o rio Oiapoque, portanto, no alto curso do rio Oiapoque, atendia aos povos Emerenhon ou Emerenhões, que hoje vivem apenas na Guiana Francesa e são reconhecidos como Teko, aos Urukainos ou Waianos, possivelmente uma corruptela escrita do povo Waiana, e esporadicamente aos Oiampi, mais conhecidos como Wajãpi. Enquanto o PI Uaçá foi instalado na confluência do rio Curipi com o rio Uaçá, bacia hidrográfica que integra o baixo rio Oiapoque, num local conhecido como Encruzo e que atendia aos povos Galiby, discernidos atualmente como Marworno, aos Palikur-Iêne, nominados de Palikur-Arukwayene e aos Caripuna ou Karipuna.

Entre nós, os Karipuna, a escola foi sendo assimilada e reconstruída de acordo com as mudanças políticas e sociais do Brasil. Hoje a Escola já faz parte da vida dos povos indígenas

do Uaçá, particularmente, da comunidade Karipuna agora com o sistema adequado a nossa cultura.

O objetivo deste trabalho é reconstruir a história da implantação da Escola na região do Uaçá a partir de documentos oficiais que descrevem a colocação da ‘primeira cumieira da casa (que seria a escola)’ juntamente com depoimentos de pessoas que vivenciaram o processo de educação escolar indígena nas aldeias. Os documentos escritos que eu usei são do período da atuação da agência indigenista do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, documentos de 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1948, 1949, 1950, 1951 até o ano 1963. A partir dos documentos e dos relatos, eu pretendo traçar uma linha de raciocínio focada no projeto Escola, como ela foi pensada, por quem e para quem. O segundo objetivo é organizar e montar uma base de documentos escritos e orais acerca do tema e disponibilizá-la aos alunos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP, o qual eu pertencço, e a todos que interessar.

Para subsidiar o meu conhecimento sobre a nossa história, lancei mão de materiais escritos por pesquisadores e que estão disponibilizados: O livro “No bom da festa”, que trata do processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá, e é o resultado da tese de doutorado de Antonella Tassinari (2003); O livro “Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?”, foi organizado para atender à demanda crescente de informação qualificada e atualizada sobre os grupos indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará, de Dominique Tilkin Gallois & Denise Fajardo Grupioni (2003); o livro “A presença do Invisível”, que mostra a vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque, esse livro é o resultado de uma exposição realizado no Museu do Índio- RJ em 2007, organizada por Lux Vidal (2016); a dissertação de mestrado Escola indígena, uma “Frente ideológica”? apresentada ao programa de pós-graduação em antropologia social da Universidade de Brasília de Eneida Corrêa de Assis (1981); a Tese de doutorado “Educação Escolar Indígena na Região do Uaçá no Município de Oiapoque-AP (1964-1985) de Cecília Maria Chaves Brito Bastos (2014) apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia; O terceiro volume da coletânea Povos Indígenas no Brasil, apresenta uma pesquisa sobre os povos do Brasil onde envolve os indígenas do Amapá e Norte do Pará de Carlos Alberto Ricardo (1983). Nesses materiais eu pude, também, confrontar a história escrita nos documentos, a história escrita por pesquisadores e a história contado pelo meu povo. Os documentos analisados por mim sobre a escola são referentes ao período a partir de 1942.

1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A CHEGADA DO POVO KARIPUNA À REGIÃO DO UAÇÁ

Segundo o professor Romualdo, em sua fala no documentário ‘Os Karipuna’ (2019)

(...) a história dos Karipuna ...Antigamente, anos atrás quando os “brancos”, pela parte da Amazônia no baixo da Amazônia, eles encontraram esses indígenas que já estavam lá, que são os Karipunas. Os “brancos” pegaram eles para trabalhar e servir de escravos, para eles plantarem arroz, cana, milho em uma grande roça que chamavam de colônia. Então, nesta colônia eles davam uma quantidade de plantas para eles plantarem, se não plantavam os “brancos” batiam neles. Aí, então, os Karipuna sofrendo demais, pensaram em uma forma de fugir para outro lugar.

Na continuação do vídeo, o cacique da aldeia Santa Isabel, o cacique Jacson completa.

(...) então eles vinham, fugiram muitos indígenas Karipuna junto com “brancos”. Passaram por Macapá, passaram pelo rio passando pela Amazônia, entraram primeiro no rio Uaçá, depois entraram no rio Curipi onde já tinha pessoas morando que eram os Palikur, eram eles que moravam no Curipi. Então eles moraram muito tempo em um local que chamam de Benoá. Nesse tempo, deu uma doença conhecida por sarampo e muitos Karipuna morreram.

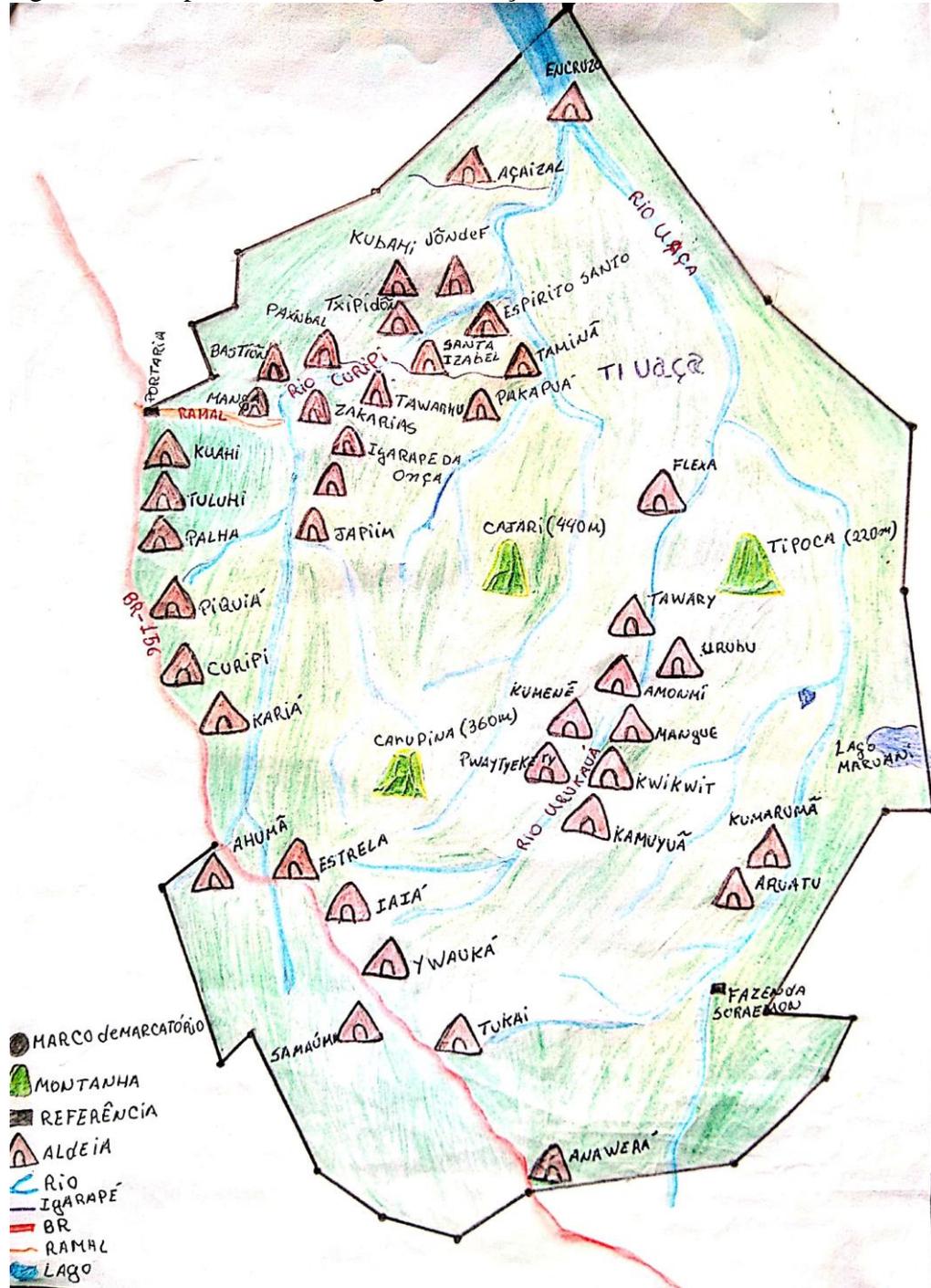
Os trechos acima, são as referências orais mais atuais sobre a nossa história, sobre a história dos Karipuna.

1.1 Localização do povo Karipuna do rio Curipi no município do Oiapoque

Nós indígenas do povo Karipuna, de acordo com o censo populacional indígena da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, do ano de 2019, o funcionário legal da Coordenação Técnica Local de Oiapoque – CTLO, seu Gregório Nazaziano Lod nos concedeu essa informação, atualmente atualizado, somos uma população aproximadamente de 2.485 Karipuna regularmente registrados. Habitamos em três terras indígenas Uaçá, Juminã e Galibi, também em três regiões: Rio Curipi, Rio Oiapoque e BR 156, que liga a capital Macapá ao município de Oiapoque, sendo que há grandes aldeias Karipuna situadas às margens do Rio Curipi como: Manga, Espírito Santo e Santa Isabel. Ainda no rio Curipi, encontramos outras aldeias menores: Zacarias, Mumbak, Benoá e Japiim, Paxiubal, Pacapuá, Taminã, Txipidõ, Jõdef, Kubahi, Açaizal. No rio Oiapoque encontram-se duas aldeias Karipuna, Kunanã e Ariramba, ambas localizadas à margem direita do rio Oiapoque. E ao

longo da BR-156 encontram-se cinco pequenas aldeias Karipuna, Piquiá no Km 40, Kuripi no Km 50, Kariá no Km 60, Ahumã no Km 68 e Estrela Km 70. Abaixo um mapa da Terra Indígena do Uaçá com suas aldeias.

Figura 01 – mapa da Terra Indígena do Uaçá



desenhista – Geimison Batista Forte

2 COMO ESSE TRABALHO FOI DESENVOLVIDO

O tema do meu TCC foi escolhido a partir das minhas atividades como bolsista PROBIC no projeto “Acervo Digital da Memória dos povos indígenas do Oiapoque” coordenado pelas professoras do curso de licenciatura intercultural indígena, campus Binacional, Mara Santos e Carina Almeida. Este projeto tinha como objetivo principal criar um acervo digital etnográfico dos povos indígenas do Oiapoque, Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi do Oiapoque, Palikur a partir de um acervo de 72.353 arquivos entre fotografias, cartogramas, mapas, desenhos e textos, como: relatórios, cartas, boletins, diários de campo, entre outros, referentes a línguas e culturas desses povos no período da atuação da agência indigenista do Serviço de Proteção aos Índios – SPI (1910-1967). Os documentos trabalhados no projeto fazem parte do acervo do Museu do Índio – Rio de Janeiro – que fez a digitalização e disponibilizou ao projeto para seleção, identificação e qualificação de cada documento.

Além do trabalho com os documentos, eu realizei pesquisa de campo entrevistando as pessoas que eu identifiquei nos documentos do acervo. A minha pesquisa de campo foi realizada com cinco encontros e entrevistas com as pessoas que viveram e frequentaram a escola nessa época. Através dos mapas de frequência da ‘Escola Caripuna do rio Curipi’ do período de 1948 e 1949 na era SPI, eu consegui identificar o seu Abel dos Santos, que é meu avô e dona Isabel dos Santos. O seu Avelino dos Santos aparece no mapa de frequência de 1956. O seu Catarino dos Santos Quaresma não frequentou a escola. A partir das conversas com eles, consegui muitas informações sobre todo o processo de ensino, daquele período, entre nós Karipuna. Iniciei as entrevistas com o seu Abel dos Santos Karipuna por ele morar perto de mim, o que facilitou o nosso encontro. Apresentei o meu projeto de pesquisa e iniciamos a conversa com perguntas e repostas, e assim iniciei minha pesquisa de campo no ano de 2018. Com o seu Catarino Quaresma, foi necessário levá-lo até o Encruzo, primeiro posto indígena criado pelo SPI em 1930. Era um local de muita atividade econômica na época do SPI, onde ele trabalhou na serraria e acompanhou todos os movimentos daquela época. A ideia de levá-lo até o Encruzo, foi para que ele relembresse com mais facilidade. Foi muito interessante a nossa conversa, ele conseguiu lembrar de nomes importantes, da era SPI, para o meu trabalho. Para esse trabalho, convidei meu grande amigo de faculdade, da mesma turma e área de conhecimento, Erdeson que me acompanhou durante essa viagem, me ajudou na logística e aproveitamos para pescar. Essa entrevista aconteceu em setembro de 2018.

Outra viagem foi para aldeia Espírito Santo, em fevereiro de 2019, para entrevistar o seu Avelino dos Santos e dona Isabel dos Santos. Eles foram muito receptivos, eu apresentei o meu projeto e logo eles aceitaram conversar sobre as suas experiências na escola do SPI. Eu fiquei muito impressionado com a memória deles, principalmente do seu Avelino, que lembrava dos nomes das professoras, das aulas, dos castigos, do método de ensino utilizado daquela época. Foram muito proveitosas nossas conversas, pois eles só confirmavam e acrescentavam informações que eu encontrei nos documentos.

Foram gravadas o total 2h de gravação, sendo que deste total, eu gravei com o seu Abel 1h9m; com seu Avelino 26m; dona Isabel 8m e seu Catarino 17m. Dos arquivos gravados eu transcrevi no ELAN quatro sessões, duas do seu Abel dos Santos, duas do seu Catarino dos Santos Quaresma.

O meu trabalho dentro do projeto consistia em:

Separar os arquivos pertencentes aos povos indígenas do Oiapoque que eram atendidos nos postos do SPI Luiz Horta que estava situado na confluência do rio Marupi e o rio Oiapoque e o posto Uaçá que estava situado no rio Uaçá;

Nome	Data de modificaç...	Tipo	Tamanho
POSTO_LUIZ_HORTA	10/02/2017 11:17	Pasta de arquivos	
POSTO_UACA	10/02/2017 11:17	Pasta de arquivos	

Depois de separado toda a documentação por Postos, eu inicio uma segunda separação de cada posto dentro de uma organização definida no projeto.

Nome	Data de modificaç...	Tipo	Tamanho
ICONOGRAFIAS	10/02/2017 11:17	Pasta de arquivos	
PASTA_GERAL_TEMAS_NAO_IDENTIFICA...	10/02/2017 11:17	Pasta de arquivos	
PASTA_ILEGIVEL	10/02/2017 11:17	Pasta de arquivos	
TEXTUAL	10/02/2017 11:17	Pasta de arquivos	

Cada grande pasta é dividida por subpastas, por exemplo a pasta Iconografia (onde ficam as fotos, desenhos, mapas):

Nome	Data de modificaç...	Tipo	Tamanho
ATIVIDADES_PRODUTIVAS	02/10/2016 21:13	Pasta de arquivos	
ESCOLA	02/10/2016 21:12	Pasta de arquivos	
FESTAS	02/10/2016 21:13	Pasta de arquivos	
SAUDE	02/10/2016 21:12	Pasta de arquivos	

Na pasta Textual fica somente arquivos de textos. Por exemplo, a pasta Textual se diferencia da pasta Iconografia pela pasta RELATORIO_FINANCEIRO_ADMINISTRATIVO:

Nome	Data de modificaç...	Tipo	Tamanho
ATIVIDADES_PRODUTIVAS	10/02/2017 11:17	Pasta de arquivos	
ESCOLA	02/10/2016 21:12	Pasta de arquivos	
FESTAS	02/10/2016 21:13	Pasta de arquivos	
RELATORIO_FINANCEIRO_ADMINISTRAT...	10/02/2017 11:17	Pasta de arquivos	
SAUDE	02/10/2016 21:12	Pasta de arquivos	

Dentro da pasta ESCOLA eu organizei todos os documentos relativos à escola, como: mapas de frequência, cartas, telegramas, ofícios, relatórios, recibos e etc. A partir da organização dos documentos eu comecei a analisar cada um e depois disso eu me interessei em trabalhar no meu TCC com os documentos relativos à implantação da Escola no rio Curipi, já que eu vi que era possível conversar com pessoas que ainda estão vivas sobre o processo da escola.

3 A RETOMADA DO PROJETO ESCOLA PELO SPI – 1940

De todos os trabalhos que já foram escritos sobre a implantação da Escola na região do Uaçá, não encontrei em nenhuma referência à escola do Encruzo. Como já disse anteriormente, a ideia de levar o seu Catarino até o Encruzo foi para provocar em sua memória as lembranças da época do Posto Indígena do Uaçá que estava localizado lá. Quando estávamos lá no Encruzo, conversando com o seu Catarino, ele lembrou de muitas coisas, de como o Encruzo era um local movimentado, com muitas construções, como serralheria, olaria, e comércio onde muitas pessoas de outras aldeias iam lá fazer compras. Lembrou inclusive da escola, do sistema rígido e que tinha até castigo. O administrador da época era o Djalma Sfair, segundo a documentação, ele trabalhou lá do período de 51 a 57.

cqtrs¹ ...É por que tempo do,
 cqtrs tempo do velho Eurico, Raimundinho e Djalma
 cqtrs foi complicado um bocadinho, não teve muita coisa, mas depois que Djalma
 ficou mesmo aqui no encruzo
 cqtrs aí foi complicado, foi colocado uma escola
 cqtrs a escola funcionava pelo Pacinho, já
 cqtrs Pacinho, funcionava pouca coisa sabe
 cqtrs depois foi embora pra Kumarumã, ele foi pra Kumarumã dar aula pra lá,
 sabe? aí fechou aqui a escola.
 cqtrs Pacinho. Era de Belém. Foi tempo do Djalma

Então, segundo seu Catarino, Pacinho foi um dos professores que lecionou nessa época. A escola que funcionava no Encruzo era bem organizada, diz ele:

cqtrs a escola, rapaz, a escola era normal mesmo, compreende?
 cqtrs qualidade de telha, qualidade de madeira
 cqtrs foi bem organizado, sabe?

Continuando nossa conversa com o seu Catarino, ele relata sobre a proibição, que o chefe colocou, de não falar a língua indígena durante a permanência na escola, seu Catarino disse que sentia até nojo de relembra-lo. Se eles falassem a língua, eles eram punidos, eram obrigados a fazerem faxina. O Djalma, o chefe, não queria ouvir a língua indígena, só era permitido falar “brasileiro”, o português. Seu Catarino fala da aceitação da escola entre as comunidades indígenas, somente os Palikur não aceitaram de jeito nenhum a escola, já as demais comunidades aceitaram muito bem.

cqtrs Prova da verdade, tenho até vergonha, até nojo, qual o motivo?
 cqtrs Porque eles não queriam, sabe? não queria de nojo aqui.
 cqtrs Porque eles entravam na faxina, era por isso Djalma colocou
 cqtrs pra falar o brasileiro, colocou escola
 cqtrs no Urucauá, quebraram todinha, armaram, fizeram tudo, quebraram tudinho
 cqtrs foi, não quiseram, o Djalma colocou os patife tudo aqui.
 cqtrs não, porque o Djalma não queria
 cqtrs nada, ia acontecer o seguinte, porque o Djalma não queria essa linguagem
 sabe?
 cqtrs tá entendendo? depois que ele, a FUNAI, esse tempo era o tempo da FUNAI
 cqtrs colocaram escola em toda as comunidades pra poder aprender a falar o
 brasileiro, sabe?
 cqtrs mas, no Urucauá não aceitaram.
 cqtrs aqui aceitaram, aqui, no Kumarumã, no Santa Isabel

¹ cqtrs é uma abreviação utilizada na sessão do ELAN, que significa: cq = Catarino Quaresma; trs – campo da transcrição na sessão do ELAN.

Figura 02: Foto do Encruzo (sem data).



Referência do documento: mf379_pl080_doc15_foto004_849

Figura 03: foto do Encruzo hoje. Edilan entrevistando seu Catarino.



Foto: Erdeson (2018).

Este foi um dia de muitas descobertas, onde seu Catarino nos relata sobre os fatos ocorrido no Encruzo na era SPI, onde fala que era um lugar bastante movimentado com número de moradores bem elevado com várias atividades econômicas, como já falei anteriormente, como serraria, olaria, alfaiate e comércio onde muitas pessoas de outras aldeias iam lá fazer compras, nesta entrevista foi bem proveitoso e obtivemos sucesso.

3.1 A construção das Escolas na região do Uaçá

3.1.1. A Escola da aldeia Kumarumã

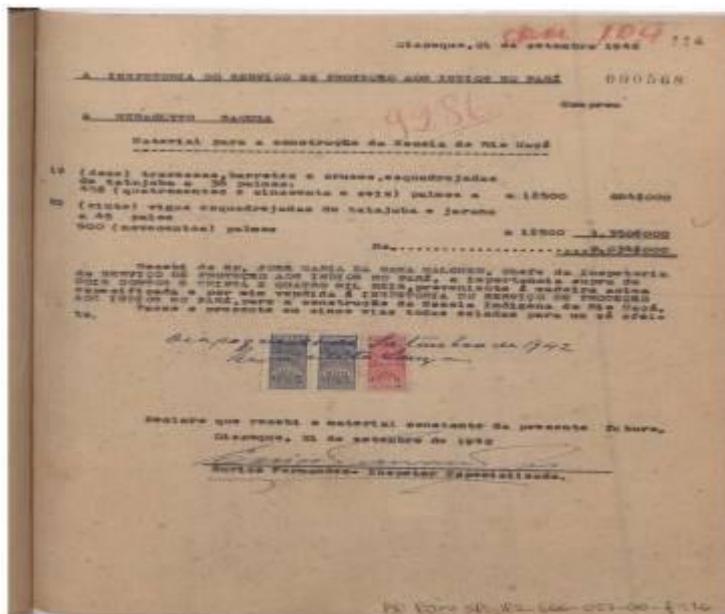
Como vimos acima, os primeiros projetos de escola do SPI só funcionaram até 1937. A partir de 1940 o SPI retoma o projeto de Escola e inicia a construção de novas escolas na região do Uaçá.

No documentário “OS GALIBI-MARWORNO” (2019), sr Paulo, ex-cacique da aldeia Kumarumã, diz

“(…) a fundação da aldeia Kumarumã foi por causa da escola mesmo, da educação. Ninguém morava junto, era tudo espalhado em ilhas aqui pra cima.... A primeira grande escola que foi implantada aqui, ela nasceu em 1945, na época da 2ª guerra mundial, a escola estava sendo implantada os primeiros esteios (...)”

De acordo com os documentos encontrados no acervo trabalhado durante o projeto, encontrei dois documentos (Figuras 04 e 05) que atestam a compra de material para a construção da primeira escola no Kumarumã pelo SPI:

Figura 04: ofício de compra de material para a construção da Escola do Rio Uaçá em 21 de setembro de 1942.



Referência do documento (sem referência):

“Documento datado de 21 de setembro de 1942, a Inspetoria de Serviço de Proteção aos Índios; **comprou material para a construção da Escola do Rio Uaçá**; 12 (doze) travessas, barrotes e cruças, esquadrejadas de tatajuba (tipo de madeira) de 38 palmos; 456 (quatrocentos e cinquenta e seis) palmos a 1\$500 – 684\$ 000; 20 (vinte) vigas esquadrejadas, de tatajuba e jaranas a 45 palmos; 900 (novecentos) palmos a 1\$500 – 1.350\$00; com o valor de 2.034\$000 (DOIS CONTOS E TRINTA E QUATRO REIS), recebida pelo sr Eurico Fernandes – Inspetor Especializado”

Abaixo, o documento datado de 1942 que informa a limpeza do terreno onde seria construída a escola.

Figura 05: telegrama informando a limpeza do terreno

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS		7618 TELEGRAMA 286	
Não contém as seguintes indicações: 1. Endereço do telegrama, estação 2. Número do telegrama, número de 3. Data e hora da apresentação	CANCELAMENTO 	OFACOB AGRINDIOS	
		BELEM PA	
		Remessa de Escritos Transmissão e Moderação	
Enviado: COP 2050 NL	Nº 17 CLEVELANDIA PA 7 100 5 16h0		
NR 22 DE 5 11 42 VOSSO 427 CONFORME MINHA CARTA			
AVIÃO VIRTUDE PARALIZAÇÃO TELEGRAFO PARTI DESTINO UACA DIA 30			
SETEMBRO DIRETO PIT EM CONSTRUÇÃO ONDE CHEGUEI DIA PRIMEIRO OUTUBRO			
INSPECIONANDO SERVIÇOS BALANCEANDO MATERIAL ALMOXARIFADO ENCONTRANDO			
TUDO ORDEM VG PROVIDENCIEI TRANSPORTE MATERIAL LOCAL CONSTRUÇÃO			
ESCOLA VG SEQUI DIA 6 DESTINO ESSE LOCAL CHEGUEI 8 FAZENDO IMEDIA-			
TA LIMPEZA TERRENO VG DIA 12 INICIAMOS CONSTRUÇÃO ESCOLA CUJA			
CUMIEIRA FOI COLOCADA DIA 25 VG DIA 29 INICIEI VIAGEM REGRESSO			
PERNOITANDO ESSE DIA PIF UACA VG DIA 30 VIAJEI DIRETO ESPIRITO			

NR 22/11-1942-666-031-00-4209

Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_031_00_f1_f469_337

“DOC. TELEGRAMA – Ministério de Aviação e de Obras Públicas “(Nº 22/11/42, conforme minha carta avião virtude paralização telegrafo, parti destino Uaçá dia 30 de setembro direto em construção onde cheguei dia primeiro de outubro inspecionando serviço, balanceando material almoxarifado encontrando tudo em ordem, providenciei transporte material local construção Escola, segui dia 6 destino esse local cheguei dia 8 fazendo imediata limpeza do terreno, dia 12 iniciamos a construção Escola cuja a cumieira foi colocada dia 25, dia 29 iniciei viagem regresso pernотitando esse dia PIF Uaçá, dia 30 viajei direto Espírito.)”

Figura 06: SPI Escola Indígena do Rio Uaçá - Kumarumã



Referência mf342_pl071_doc00_foto019_1653

4 A ESCOLA DO RIO CURUPI

Quanto a escola no rio Curupi, de acordo com a entrevista do seu Abel, ele lembra que a escola funcionou primeiro na aldeia Espírito Santos, antiga Laranjal. Quem dava aula lá era a professora Veronica, depois quando a escola passou para Santa Isabel ela foi dar aula lá.

edtrs² bom, a primeira vez que o senhor estudou, né?
 abtrs a primeira, primeira escola que entrou aqui...
 abtrs nós, nós ainda não estava aqui é quem que começou, o iniciou
 abtrs era o..., primeiro, primeiro, primeiro, eu sei quem foi o primeiro professor
 trabalhou aqui
 abtrs era...naquele tempo já era SPI, há muito tempo que veio
 abtrs essa escola quem estudaram foi o finado velho Pübok
 abtrs a primeira escola que entrou
 abtrs essa escola estava no Espírito Santo na parte de baixo
 abtrs é lá que estava essa escola, que o finado velho Pübok
 abtrs estavam estudando ele o velho Pübok, o Henrique
 abtrs o velho Henrique a escola deles estava tudo pra lá
 abtrs e a nossa escola não estava existindo não, mas a primeira escola, é lá,
 era lá no Espirito Santo
 abtrs essa escola eu ainda nem estava, mas eu já estava entendendo como era essa
 escola
 abtrs então, quando essa escola acabou, aí sim, bom já estava iniciando esse
 negócio de SPI né? Bom, há muito tempo...
 abtrs depois quando terminou, agora que passou... depois que entrou essa escola
 que nós estudamos
 abtrs mas, há muito tempo, olha, já estou com 85 anos, 85 anos....

² edtrs e abtrs são abreviações utilizadas na sessão do ELAN, que significam: ed = Edilan; ab = Abel e trs – campo da transcrição na sessão do ELAN.

Quando o seu Abel diz “e a nossa escola não estava existindo não, mas a primeira escola, é lá. Era lá no Espírito Santo”, ele quer dizer que não existia, ainda, escola em Santa Isabel, a escola que existia era somente a do Laranjal, hoje, Espírito Santo.

Em (Bastos 2014 p. 112) ela diz: ‘A educação escolar dos Karipuna foi reestabelecida em 1948. A escola que, antes funcionava na Vila Espírito Santo foi alocada num antigo barracão pertencente a Manuel Primo dos Santos (Seu Coco), na “Vila Santa Isabel”.’

Seu Abel completa....

abtrs então aquela nossa escola que iniciou a primeira professora nossa que veio nos ensinar aí, que veio educar nós aí, é professora Verônica
 abtrs Verônica, Verônica, é ela que veio ser a nossa professora, aí, aí no Santa Isabel
 abtrs essa escola não foi iniciado pelo, en, en como ele dizia, pelo governo
 abtrs ainda não era, é, é sim, é o velho Coco finado
 abtrs que mandou fazer uma casinha lá
 abtrs ele que colocou ela lá que é para ela lecionar na escola pra nós
 abtrs então de lá que nós vinha do Espírito Santo para Santa Isabel
 abtrs aquela nossa escola então já estava e o SPI
 já veio já estava muito antigo

Na fala do seu Abel, acima, fica evidente que a primeira escola da aldeia de Santa Isabel iniciou no barracão do seu Coco, uma construção de madeira que ele utilizava como depósito. No documento abaixo constatamos que essa informação é verdadeira, o documento é uma nota de recebimento de materiais datada de 29/04/48, informando o envio de 50 tábuas de madeira acapu com 15 palmos, e 0,22 de largura, para o senhor Manoel Primo dos Santos, seu Coco, para a reforma do casarão onde será a primeira instalação da Escola da aldeia Santa Isabel.

Figura 07: nota de recebimento de materiais de construção

61
0008941
Modelo VII

REGISTRO	Procedencia e especificação do material	Quantidade	Valor de um	TOTAL	DESTINO
N.º	Data				
	<i>Transporte</i>				
	<i>Posto. Tambi</i>				
	3- sacos de açucar	3	190,00	570,00	
	2- sacos de café	2	350,00	700,00	
	<i>Po. C. Fonso Tom suca e Cia.</i>				
	<i>Estado</i>				
39	30-6-48	<i>Escola do Posto "Bacá"</i>			
	4- Sacos de arroz	4	200,00	800,00	
	3- sacos de feijão	3	300,00	900,00	
	5- sacos de açúcar	5	195,00	975,00	
	2- sacos de café	2	375,00	750,00	
	78- Kilos de Farinha	78	13,00	1.014,00	
	23- sacos de sal de 20 kg	23	17,50	402,50	
	1- Saco de café 30 kg	1		190,00	
	40- Kilos de bolachas	40	10,00	400,00	
	2- Kilos de rosca	2	8,00	16,00	
	2- Kilos de canja	2	28,50	57,00	
	<i>Po. Manuel Primo dos Santos</i>				
40	27-4-48	50	20,00	7.000,00	
	<i>350- taboas de acapú de 15 palmos, 0,22 de largura.</i>				
	<i>Po. Salvador Mesquita e Cia</i>				
41	29-4-48	<i>Para o Posto indígena "delle las Casas"</i>			
	45- Kilos de grampos galvanizados para arame soldado	45	14,00	630,00	
	<i>Po. Ferreira Gomes Terra</i>				
	<i>gista, S/A</i>				
42	11-6-48	2	7,00	14,00	
	<i>2- Noss. Fco. Pescador</i>				
	<i>100. Parus Galvadias e parafusos</i>				
	<i>Transporte</i>				

Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_084_00_f1_f77_123

Abaixo uma foto, sem data, do porto principal da aldeia Santa Isabel. Observe a grande construção chamada de casarão do seu Coco.

Figura 08: Casarão do seu Coco



Referência: mf342_pl071_doc00_foto041_1703

Enquanto a Escola de alvenaria estava sendo construída, as aulas continuavam acontecendo no casarão do seu Coco.

Nas entrevistas com o seu Abel, ele fala muitas coisas de como era o processo de ensinamento da época, como eram ministradas as aulas, quais os conteúdos, os materiais usados pela professora, o que podiam e não podiam fazer, principalmente em relação à língua falada, como veremos nos depoimentos abaixo.

abtrs quem entrou primeiro, a primeira foi a professora Verônica
 abtrs não era a mesma língua sabe, agora nós vamos o que aconteceu com nós
 abtrs nós não sabia falar eeeeeem... em português
 abtrs nós não sabia falar, só sabia falar a nossa gíria mesmo
 abtrs mas eles proibiram nós não falar o patoá
 abtrs é para nós só falar o português, então é assim
 abtrs então era só a nossa língua patoa que nós falava, só nossa língua mesmo
 abtrs aí depois que nós entramos na escola que nós começamos a trabalhar,
 abtrs estudar, nós começamos estudar
 abtrs é agora que estou vendo, esse tipo de escola mudou é diferente
 abtrs nós começamos estudar no abc, uma cartilhinha de abc
 abtrs ãhã, assim começamos estudar
 abtrs começamos estudar, aí que começamos estudar abc
 abtrs até quando nós conhecemos a letra, tudo agora que nos passaram a cartilha
 abtrs para nós juntar já as palavras
 abtrs para formar palavras, é assim que começamos a estudar...

Acima, seu Abel conta o que é muito recorrente nos relatos dos povos indígenas sobre a chegada da escola. A primeira atitude que era tomada era a proibição de falar a língua materna. Seu Abel fala de uma forma muito triste, pois eles até então, antes de entrar na escola, só falavam o “patoá” ou “gíria”, como ele mesmo diz, não sabiam falar português. O processo de alfabetização era através das antigas cartilhas de ABC, mais na frente seu Abel nos vai contar mais sobre este processo.

Seu Abel estudo na escola, ainda chamada Escola do Rio Curipi, situada na aldeia Santa Isabel. Encontrei o seu nome nas fichas de frequência escolar dos meses de outubro, novembro e dezembro de 1948 e dos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 1949. Seu Abel estava com a idade de 10 e 11 anos. As fichas apresentavam o número de frequência e de falta do aluno, assim como a idade e etnia. Além dessas informações, tem uma coluna com conceito final que era bom, muito bom e outro que eu não consegui identificar por estar abreviado. Ao final da ficha de frequência era assinada pelo chefe da I.R (Inspetoria Regional) Eurico Fernandes; auxiliar de ensino, a professora Veronica Leal Paes; agente de referência e o auxiliar do Posto Uaçá, seu Manoel Primo dos Santos, seu Coco.

Figura 09: Lista de frequência da escola do rio Curipi

nf de ordem	N O M E	Tribo	Idade	Sexo	Comparcimento	Faltas	Aprovelamento	Observações
44	Francisco Juppem Leal		7 anos	Masc	26		Muito bom	
45	Abel dos Santos	Caripuna	10 "	"	24	5	Bom	
46	Nil dos Santos	"	7 "	"	15	15	"	
47	Rolinda dos Santos	"	7 "	Fem	16	10	-	
48	Manoel Margarido dos Santos	"	6 "	Masc	12	14	-	
49	José Batista	"	14 "	"	20	6	Muito bom	
50	Cezidina dos Santos	"	11 "	Fem	15	11	ma	
51	Paulina Fortes	"	7 "	"	23	3	-	
52	Leilida Fortes	"	10 "	"	24	2	-	
53	Felizardo Alexandre	Galibi	15 "	Masc	22	4	Sp.	
54	Manoel Fortes	Caripuna	7 "	"	14	12	-	
55	Maria Lavina	Galibi	8 "	Fem	21	5	-	
56	Manoel Galbino da Paizão	Caripuna	10 "	Masc	19	7	-	
57	Manoel Aquarrio da Paizão	"	6 "	"	20	6	-	
58	Maria da Conceição dos Santos	"	10 "	Fem	21	5	Sp.	
59	Maria Alexandrina dos Santos	"	12 "	"	12	14	Bom	
60	Julita dos Santos, Ninkuro	"	11 "	"	25	1	ma	
61	Claudina dos Santos	"	9 "	"	23	3	-	
62	Cristina dos Santos	"	6 "	"	23	3	-	
63	Maria Eliete	Galibi	10 "	"	23	3	Muito bom	
64	Arcelina dos Santos	Caripuna	10 "	"	22	4	-	
65	Maria Vitalina	Galibi	7 "	"	21	5	-	
66	Maurício Anaral	Caripuna	6 "	Masc	20	6	Bom	

Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_124_00_f1_f460_042

Ficha de frequência da Escola Rio Curipi do mês de outubro de 1948. Seu Abel consta na lista número 45 na idade 10 anos, nesse mês ele frequentou por 21 dias e faltou 5 dias. Sua média final teve conceito bom.

Figura 10: Lista de frequência da escola do rio Curipi

nº de ordem	NOME	Tribo	Idade	Sexo	Comparecimento	Faltas	Aprovelamento	Observações
24	Estevão dos Santos	Caripuna	8 a.	Masc.	24	2	Ap.	
25	Genio dos Santos	"	6"	"	26	"	"	
26	Teresa dos Santos	"	10"	Fem.	24	1	"	
27	Abel dos Santos	"	10"	Masc.	25	5	"	
28	Raimundo Silva	"	7"	Masc.	24	2	"	
29	Agostinho dos Santos	"	15"	"	24	2	mt. bom	
30	Maria Florinda dos Santos	"	9	Fem.	25	1	"	
31	Henrique dos Santos	"	7"	Masc.	24	2	"	
32	Jovita Farias	"	8"	Fem.	23	3	"	
33	Adriano Farias	"	7"	Masc.	23	3	"	
34	Alcino dos Santos	"	8"	"	23	3	"	
35	Alcino Batista	"	8"	"	24	2	"	
36	Manoel Severino Farias	"	11"	"	25	1	"	
37	Alexandre Batista	"	8"	"	23	3	"	
38	Evaristo Batista	"	6"	"	24	2	"	
39	Eucládia dos Santos	"	7"	Fem.	24	2	"	
40	Severiano Farias	"	6"	Masc.	21	5	"	
41	Luiza Silva	"	10"	Fem.	25	1	"	
42	Genidia Farias	"	8"	"	21	5	"	
43	Abel dos Santos	"	10"	Masc.	21	5	"	

Visto: _____ de _____ de _____

Chefe da I.R. _____
 Auxiliar de ensino _____
 Agente referencia _____

SR R:HI SPI-IRB-666-130-00-141

Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_130_00_f1_f333 (80)

Ficha de frequência do mês de outubro de 1949. Seu Abel consta na lista número 43 na idade 11 anos, nesse mês ele frequentou por 21 dias e faltou 5 dias. Sua média final teve conceito não identificado por estar abreviado.

Seu Abel conta como foi o seu processo de alfabetização. Como vimos nos trechos da sua entrevista acima, os alunos tinham que aprender o português, desde a alfabetização como ele diz no trecho abaixo.

- abtrs Primeiramente que nós estudamos, que nós começamos a estudar foi
- abtrs negócio de a
- abtrs negócio de a b, a, b, c
- abtrs a b c que nós começamos a estudar, depois quando nós
- abtrs quando nós terminamos de estudar o a b c

abtrs nós passamos pra, como é? pra sílabas
 abtrs que é pra, que é pra juntar as palavras, sabe? a a a sim
 abtrs que nós, que nós juntamos as palavras ba, ba
 abtrs be, be nós juntamos, nós
 abtrs assim nós fomos aprendendo
 abtrs devagar, devagar, quando nós terminamos de estudar toda a carta de abc
 abtrs agora que nós comprava uma cartilha que tinha que ensinava a e i o
 unosso começo do nosso estudo foi assim

Com a Escola do Curipi já funcionando, encontramos vários documentos acerca de acontecimentos relativos à administração da escola, a comportamento de alunos e comportamento de professores em sala de aula.

Vou pontuar aqui alguns que me chamaram atenção.

No telegrama de número 52, datado de 10/09/46 endereçado ao chefe de posto Uaçá, o seu Eurico Fernandes está muito entusiasmado com a apresentação de sete de setembro das escolas indígenas do Uaçá.

Figura 11: Telegrama ao sr Eurico Fernandes, chefe de posto Uaçá

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS		TELEGRAMA	
DESTINO	36	INDICAÇÃO DA ESTAÇÃO	258
ORIGEM	09, 15 horas	INDICAÇÃO DE SERVIÇO	DE AGRINDIDOS
PREÇO		INDICAÇÃO DE VALORES E DESCONTOS	BELEM PA 1435
RECEBIDO	12 CLEVELANDIA AP 12 41 16 09,00		
<p>HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.</p>			
<p>NR 52 DE 10-9-46 DE UACA PT ESTIVE PRESENTE SOLENIDADES COMEMORATIVAS SETE SETEMBRO ESCOLA UACA VG CUIJAS ESTIVERAM TAL MANEIRA BRILHANTES ULTRAPASSANDO DE MUITO MINHA MELHOR EXPECTATIVA PTVG ENVIAREI FOTOGRAFIAS FESTEJOS PT SDS -</p> <p>EURICO FERNANDES INSP S.P.T.</p>			
<p>BR RJMI SPI-IR2-666-076-00-1383</p>			

Telegrama NR 52 de 10-9-46 de Uaçá PT Estive presente solenidades comemorativas sete setembro Escola Uaçá v.g. cujas estiveram tal maneira brilhante ultrapassando de muito minha melhor expectativa p.t.v.g. enviarei fotografias festejos p.t Sds Eurico Fernandes INSP S.P.I.

Figura 12: Foto do dia 07 de setembro da Escola Rio Curipi, na aldeia Santa Isabel



Referência do documento: mf342_pl071_doc00_foto026_1708

Falar do dia sete de setembro festejado nas comunidades indígenas para mim é uma alegoria³. Eu, Edilan dos Santos, aluno do curso de Licenciatura Intercultural - UNIFAP, da turma de 2014, desejo um dia fazer parte do corpo docente da escola da minha aldeia, do corpo docente do curso de licenciatura intercultural indígena, para discutir esse formato de educação herdado pelas nossas escolas e que ainda é atual. Sabemos que na época do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, nos foram introduzidos uma cultura totalmente militar que foi misturada aos nossos costumes, ou seja, nos dias de hoje estamos totalmente misturados, cultura militar e cultura indígena.

Atualmente, ainda se comemora o dia 07 de setembro, praticamente em todas as escolas indígenas da etnia Karipuna, porém não acontece com a mesma formalidade que antigamente, no caso algumas escolas mesmo que realizando o desfile cívico, apresentam através do dia 7 de setembro os seus aspectos culturais, ou melhor, desfilam a caráter indígena, representando os diversos artefatos que fazem parte da cultura, representam, as tradições de modo geral.

³ Entendo alegoria como: uma forma de vestimenta e representação de um evento como o sete de setembro.

Algumas escolas não têm o hábito de realizar o desfile cívico, porém é comum realizar o alteamento da bandeira, com a canção do hino nacional brasileiro. Consequentemente realizam algumas brincadeiras locais, tais como: arco e flecha, futebol, cabo de guerra, canoagem, corrida, entre outras.

Diferente de antigamente, atualmente durante a comemoração do dia 7 de setembro, são realizadas palestras pelos professores, lideranças e autoridades presentes, porém, são falas voltadas para o fortalecimento da cultura indígena, no sentido de fortalecer a política de amparo aos direitos indígenas, priorizando a questão da educação escolar específica e diferenciada, saúde que atenda as especificidades dos indígenas, questão ambiental e outros.

Então não significa dizer que as escolas indígenas ao comemorarem o dia 7 de setembro, são a favor de uma educação colonial, ou seja, uma escola que desvaloriza seus conhecimentos tradicionais. Entendo essa prática de comemoração do dia 7, como uma atividade que foi imposta nas escolas indígenas, e que acabou ficando enraizada na prática das comemorações, que inclusive são realizadas em todas as escolas brasileiras. Agora como já citado, tem toda uma questão cultural local, que vem diferenciar a comemoração do dia 7 de setembro da escola indígena Karipuna para uma escola localizada na área urbana ou rural que seja.

4.1 Escola de alvenaria de Santa Isabel

Em 1950, a aldeia de Santa Isabel vai, definitivamente, ganhar a construção de alvenaria da escola. Tudo começa com o telegrama de nº 176 de 04/04/1950 onde o seu Eurico, chefe de posto ordena seu Manoel Primo dos Santos, seu Coco, para iniciar, preparar os materiais para a construção da Escola Caripuna, que são pedras e areias, que no dia quinze do corrente mês seria a visita do srº Nelson, auxiliar de construção, que seguiria ao Curipi para dar início a construção da escola de alvenaria.

Figura 13: escola da aldeia Santa Isabel em funcionamento (sem data)



Referência: mf379_pl080_doc15_foto009_854

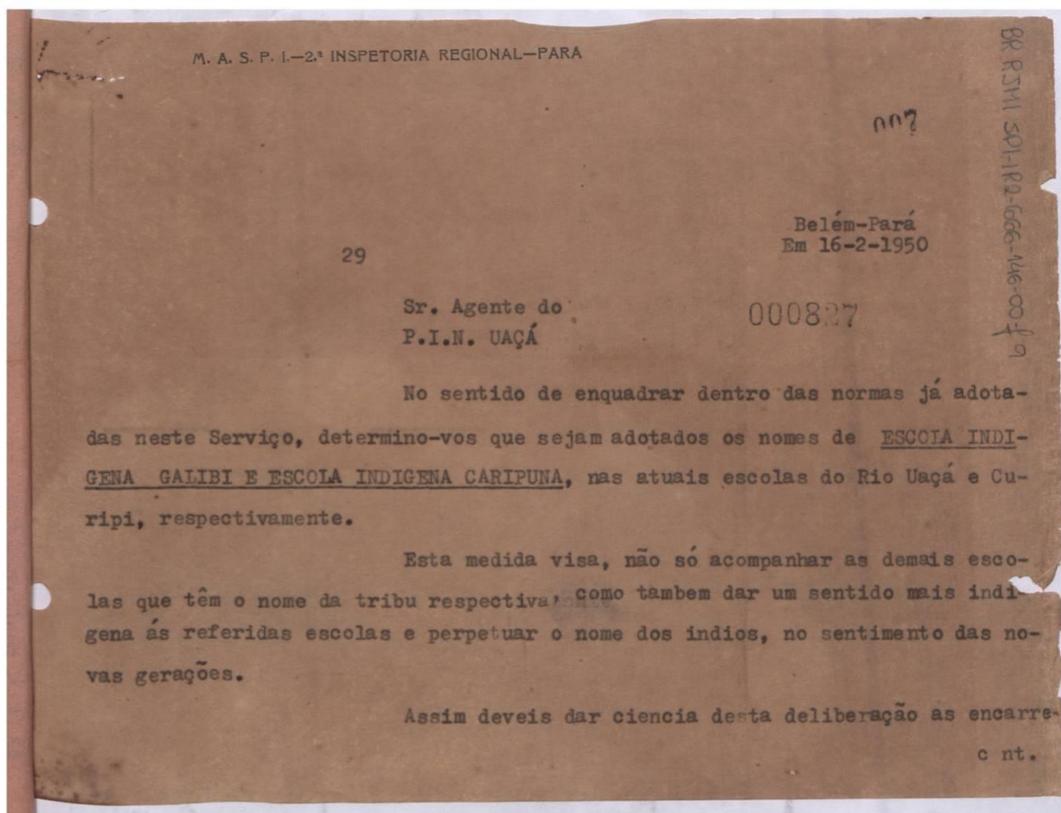
É a primeira escola construída na aldeia Santa Isabel. Eu confirmei com seu Abel, ele disse que é a escola que ainda se encontra ao lado da escola de alvenaria.

Assim como o seu Abel falou, seu Catarino falou sobre a alfabetização naquela época, era em português mesmo, era proibido falar a língua indígena, as professoras usavam cartilhas de A B C, usavam tabuadas, livros usados nas escolas não indígena. Os alunos daquele período com os quais eu conversei, disseram que aprenderam bem falar português na escola.

Os bons alunos eram presenteados com coleções de livros para aprimorar seus conhecimentos.

No memorando de nº 350 datado em 16 de outubro de 1950 da 2ª Inspeção Regional do Pará direcionado à srª auxiliar de ensino da Escola Caripuna Verônica, é entregue sete (7) coleções de revistas infantil, para serem distribuídas para os alunos que tiveram demonstrado maior aproveitamento na escola.

Figura 14: memorando de nº 350 datado em 16 de outubro de 1950 - coleções de revistas infantil



Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_146_00_f1_f366 (216)

Memorando nº 350, datado em, 16 de outubro de 1950.

Sr^a. Auxiliar de ensino da Escola Caripuna – Com o presente passo as vossas mãos sete (7) coleções de revista infantil, para serem distribuídas em coleções, pelos alunos que tiverem demonstrado maior aproveitamento nessa Escola.

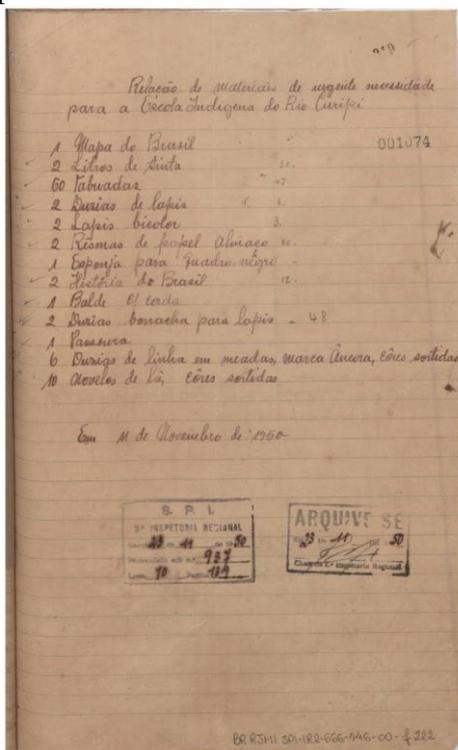
Oportunamente seguirão outras coleções para o mesmo fim.

Saudações

Eurico de Melo Cardoso Fernandes – Chefe 2^a. IR.

Relação de materiais escolares para as escolas. Os professores tinham que solicitar os materiais necessários para as atividades da escola. Abaixo uma lista de materiais datada de 1950.

Figura 15: lista de materiais para escola datada de 1950.



Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_146_00_f1_f366 (268)

“relação de materiais de urgente necessidade para a Escola Indígena do Rio Curipi”:

- 1 Mapa do Brasil;
 - 2 litros de tinta;
 - 60 tabuadas;
 - 2 Dúzias de lápis;
 - 2 Lápis bicolor;
 - 2 resmas de papel almaço;
 - 1 esponja para quadro negro;
 - 2 História do Brasil;
 - 1 balde c/ corda;
 - 2 Dúzias de borracha para lápis;
 - 1 Vassoura;
 - 6 Dúzias de linha e meadas, âncora, cores sortidas;
 - 10 Novelos de lã, cores sortidas.
- Em 11 de novembro de 1950.

De acordo com todos os documentos analisados por mim não encontrei nenhum que fizesse alguma reflexão acerca do processo de ensino utilizando a língua indígena e materiais didáticos em língua indígena. As escolas são implantadas nas aldeias com único objetivo de manter populações indígenas protegendo a fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. Nesse período, como já falou o seu Abel e seu Catarino a escola era o lugar para se aprender português e aprender a ser brasileiro.

Figura 16: Escola Karipuna, alunos todos em um só espaço, sendo alfabetizado e aprendendo costurar.



Referência mf342_pl071_doc00_foto030_1726.

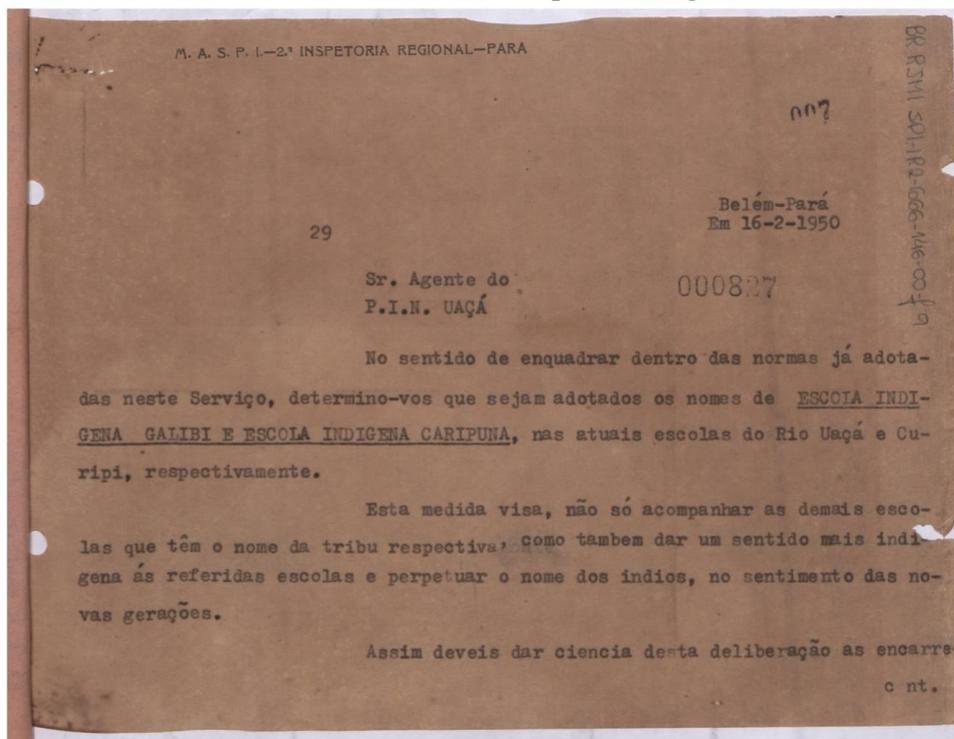
5 CONTROLE DAS ATIVIDADES DA ESCOLA PELO SPI

O chefe de posto estava sempre avaliando as atividades das escolas, o bom andamento era necessário para que ele pudesse relatar ao seu superior o progresso dos alunos e do funcionamento das escolas.

Desde o ano de 1948 se observa que nas fichas de frequências da escola foi acrescentado ao nome da Escola do Rio Curipi, escrito em caneta, o outro nome da escola, agora, Escola Indígena Caripuna.

Esta seria uma nova regra, existia um objetivo por trás disso. Nos documentos encontramos um comunicado datado de 16/02/1950 da Inspeção Regional – Pará ao P.I.N Uaçá, determinando que, a partir daquela data, sejam adotados os nomes das escolas - Escola Indígena Caripuna e Escola Indígena Galibi - nas atuais escolas do Rio Uaçá e Rio Curipi. O objetivo da mudança é dar um sentido mais indígena às escolas e perpetuar os nomes dos índios. Isso fazia parte do plano de tornar a região um território indígena.

Figura 17: comunicado datado de 16/02/1950 da Inspeoria Regional – Pará ao P.I.N Uaçá



Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_146_00_f1_f366 (9)

Belém – Pará em, 16-02-1950

Sr. Agente do P.I.N. Uaçá

No sentido de enquadrar dentro das normas já adotadas neste serviço, determino-vos que sejam adotadas os nomes de Escola Indígena Galibi e Escola Indígena Caripuna, nas atuais Escolas do rio Uaçá e Curipi, respectivamente.

Esta medida visa, não só acompanhar as demais escolas que tem o nome da tribo respectiva, como também dar um sentido mais indígena as referidas escolas e perpetuar o nome dos índios, no sentimento das novas gerações. Este documento continua mas não encontrei a outra parte.

Figura 18: O ofício nº244, datado de 05/05/1950 - chamando a atenção ao preenchimento correto das frequências.



Referência do documento: Microfilme113_00898

O ofício acima, de nº244, datado de 05/05/1950 da 2ª Inspetoria é direcionado aos professores das escolas do Uaçá chamando a atenção ao preenchimento correto das frequências, pois os mesmos estão sendo enviados incompletos faltando o nome das etnias dos alunos, nomes das escolas e assinatura do professor. O ofício finaliza informando que boletins incompletos não serão mais recebidos.

Observa-se que a 2ª Inspetoria tinha uma grande preocupação em manter em dia os boletins de frequências das escolas sob sua coordenação. Isso era para justificar a presença e eficiência do SPI nessa região.

Figura 19: chamando atenção ao preenchimento correto das frequências.



Referência do documento: Microfilme113_00914

Documento nº 244 de 5 – 5 – 50 - - Chamo vossa atenção mais uma vez para boletins frequência escolar continuam vindo sem nome Escola se referem; deveis cientificar professoras boletins não mais serão recebidos assim. Sds Agrindios 2ª IR.

Sobre o controle das atividades dos funcionários, principalmente dos professores, abaixo vou apresentar dois documentos que mostram o controle que o pessoal que trabalhava no Posto Uaçá exercia sobre os povos indígenas que viviam naquela área.

O primeiro é um ofício de número 251, datado de 08/05/50 enviado da 2ª Inspetoria Regional do Pará para os professores da Escola Caripuna permitindo a realização do TURÉ. O documento diz que os índios podem realizar este entre outros divertimentos, ‘pois não devemos permitir que os índios percam sua cultura própria’. No mesmo documento traz uma ordem proibindo o uso de qualquer tipo de bebida alcoólica, se caso ocorra a pessoa será punida sendo enviada ao Posto Encruzo, se repetir o erro será enviado à Belém para uma punição mais severa.

Figura 20: ofício 251, datado de 08/05/50 – permissão à Escola Caripuna para realização do TURÉ.



Referência do documento: Microfilme113_00916

Documento nº 251 de 8 – 5 – 50 ---- Festa turé deve ser permitida alunos índios vg bem como os outros divertimentos vg pois não devemos permitir índios percam sua cultura própria vg entretanto deveis fazer ciente alunos vg ordem esta chefia lhes é proibida qualquer bebida vg qualquer momento vg caso desobediência deveis encaminhar ao posto fim serem punidos e reincidência esta capital para punição mais severa pt Sds Agrindios 2a. IR.

A permissão de realizar o Turé vem juntamente com a proibição de bebida alcoólica, o que é um tanto contraditório, pois no ritual do Turé o caxiri, uma bebida feita de mandioca fermentada tem um alto teor alcoólico, é essencial para a realização do ritual.

Ainda na linha do controle, encontrei um documento escrito a punho da professora Veronica, professora da Escola Caripuna, solicitando providencias em relação ao alto uso de álcool pelos Karipuna. O documento é datado de 05/11/1962, endereçado ao encarregado do Posto Uaçá. A sua grande preocupação é que os bêbados ficam perto da escola dando mal exemplo aos jovens.

Figura 21: movimento de vendas e consumo de bebidas alcoólicas na aldeia Santa Isabel.

Curipi 5/11/62

1178

Ilmo. Sr. Encarregado do Posto Uaçá

Por meio deste venho reiterar o meu pedido de providência sobre o movimento de vendas de bebidas alcoólicas especialmente no local onde se acha a Escola, pois de há muito que vem havendo a mais falta de respeito por parte dos bêbados, e isto se não houver um freio virá afetar seriamente o ambiente atingindo os jovens - o ponto mais delicado.

Aguardo vossas determinações e sinceramente agradecida.

Verônica L. Leal Paes
Professora

Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_344_00_f1_f498_041

Documento – Curipi 5/11/62 Ilmo. Sr. Encarregado do Posto Uaçá

Por meio deste venho reiterar o meu pedido de providência sobre o movimento de vendas de bebidas alcoólicas especialmente no local onde se acha a Escola, pois de há muito tempo que vem havendo a mais falta de respeito por parte dos bêbados, e isto se não houver um freio virá afetar seriamente o ambiente atingindo os jovens – o ponto mais delicado.

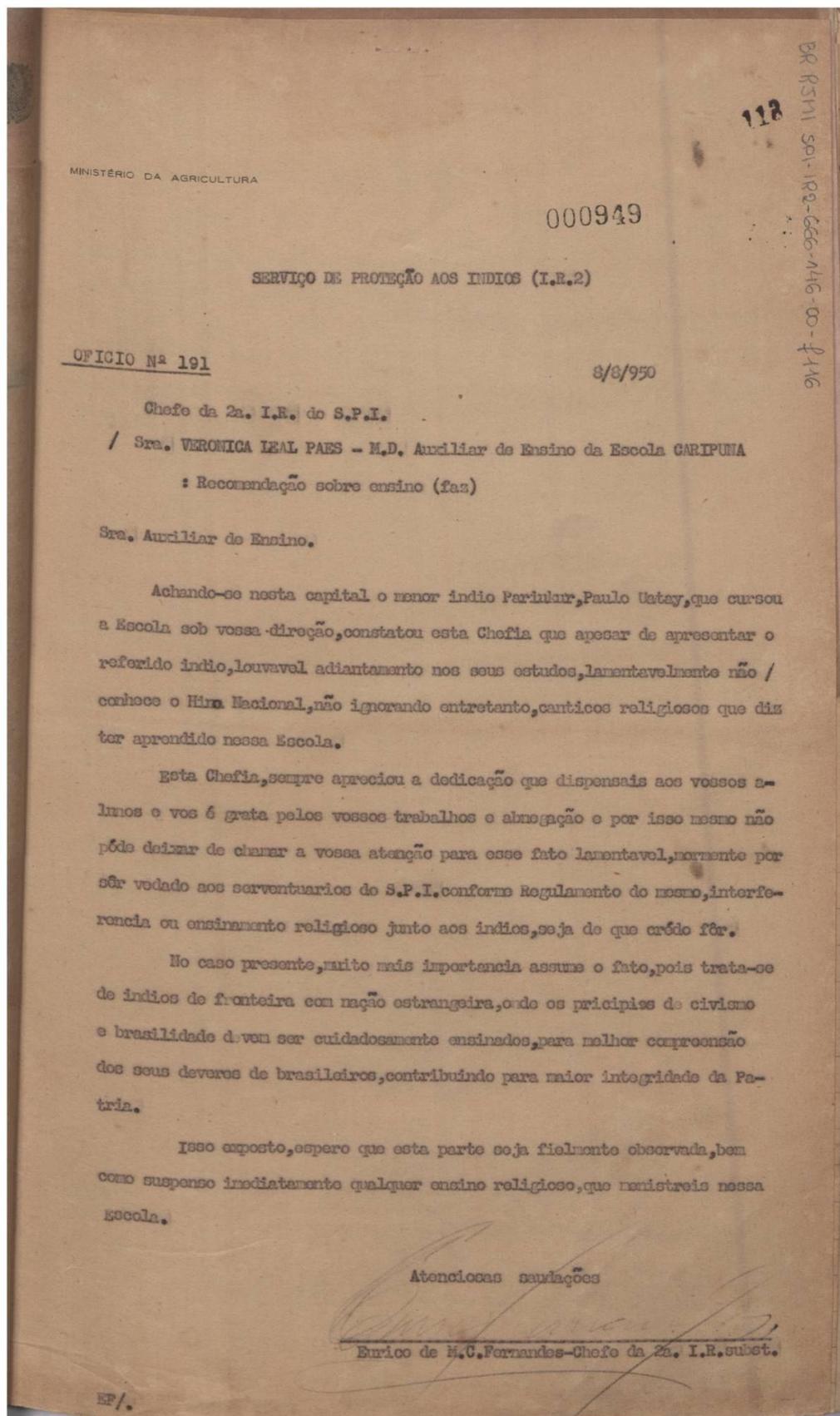
Aguardo vossas determinações

E sinceramente agradecida

Verônica Leal Paes – Professora.

Outra observação interessante é o ofício nº 191, datado de 8/8/1950 da parte do sr Eurico Fernandes, chefe da 2ª I.R endereçado à professora da escola Indígena Caripuna, dona Veronica, no qual é relatado o encontro do sr Eurico Fernandes com o indígena Paulo Uatay da etnia Palikur que estava de passagem por Belém. Na conversa com o indígena, o sr Eurico Fernandes faz um interrogatório acerca dos conhecimentos do indígena e constata que o mesmo não sabe a letra do hino nacional, mas tem um grande conhecimento sobre religião e disse ter aprendido na escola.

Figura 22: ofício nº 191, datado de 8/8/1950 endereçado à professora da escola Indígena Caripuna, dona Verônica.



Ministério da Agricultura – Serviço de proteção aos Índios (I.R.2)
 Ofício nº 191 8/8/1950
 Chefe da 2ª.I.R.do S.P.I.
 / srª. Verônica Leal Paes – M.D. Auxiliar de ensino da Escola Caripuna
 : Recomendações sobre ensino (faz)
 Srª. Auxiliar de Ensino.

Achando-se nesta capital o menor índio paricur, Paulo Uatay, que cursou a Escola sob vossa direção, constatou esta chefia que apesar de apresentar o referido índio, louvável adiantamento nos seus estudos, lamentavelmente não / o hino nacional, não ignorando entretanto, cânticos religiosos que diz ter aprendido nessa Escola.

Esta chefia, sempre apreciou a dedicação que dispensais aos vossos alunos e vos é grata pelos vossos trabalhos e abnegação e por isso mesmo não pode deixar de chamar a vossa atenção para esse fato lamentável, mormente por ser vedado aos serventuários do SPI conforme regulamento do mesmo, interferência ou ensinamento religiosos aos índios, seja de que credo for.

No caso presente, muito mais importância assume o fato, pois trata-se de índios de fronteiras com nação estrangeira, onde os principais de civismo e brasilidade deve ser cuidadosamente ensinado, para melhor compreensão dos seus deveres de brasileiros, contribuindo para maior integridade da pátria.

Isso exposto, espero que esta parte seja fielmente observada, bem como suspenso imediatamente qualquer ensino religioso, que ministreis nessa Escola.

Atenciosas saudações

Eurico de M.C. Fernandes – chefe da 2ª. I.R.subst.

A preocupação do sr Eurico Fernandes não era com as interferências culturais, era sim pelo fato de se tratar de índios de fronteira com nação estrangeira onde os princípios de civismo e brasilidade deveriam ser cuidadosamente ensinados para uma maior integridade da pátria. Ao final do ofício, é solicitado à professora que suspenda imediatamente qualquer ensino religioso de qualquer credo.

6 PLANO DE EDUCAÇÃO SPI – 1957

Ainda no comando do SPI, a educação escolar nas escolas indígenas não tinha nenhuma diretriz que orientasse os professores nas suas atividades dentro de sala de aula. Em 1957 foi criado o Setor Educacional do SPI subordinado à Secção de Orientação e Assistência (SOA).

Figura 23: m/circular nº 91 solicitado em 30 de março de 1957 ao sr. Chefe da 2ª inspetoria Regional do SPI – Belém - Pará. Solicitação de dados de necessidade para organização do “Setor Educacional”, diretamente subordinado à S.O.A. e que terá por função orientar e fiscalizar as atividades escolares do SPI.

001854

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Circular nº 91
30 de março de 1957
Sr. Chefe da 2ª Inspeção Regional do S.P.I. - BELÉM - PARÁ

BR RJMI SPI-IR2-666-249-00-f-32

Senhor Chefe:

Solicitamos vossas providências junto aos Postos subordinados a esta Inspeção, no sentido de nos serem fornecidos os dados de que necessitamos para a organização do "SETOR EDUCACIONAL", diretamente subordinado à S.O.A. e que terá por função orientar e fiscalizar as atividades escolares do S.P.I.

São os seguintes os dados solicitados:

- 1) Relação de todos os Postos do S.P.I., subordinados a esta Inspeção, declarando sua finalidade (Dizer se o Posto é de Atração, Colonização, etc...)
- 2) A localização de todos esses Postos (Dizer onde estão situados)
- 3) A Relação de todas as ESCOLAS subordinadas aos referidos Postos.
- 4) A localização de todas essas ESCOLAS (Dizer se funcionam no Posto ou de onde funcionam)
- 5) Declaração do número de salas de aula que cada uma dessas ESCOLAS possui.
- 6) Declaração do HORÁRIO em que funcionam as AULAS dessas ESCOLAS e se funcionam diretamente digo, diariamente.
- 7) Declarar o número de Professores ou de Auxiliares de Ensino que lecionam nessas ESCOLAS e os seus respectivos nomes.
- 8) Declarar os vencimentos ou salários mensais atuais de cada uma dessas Professoras ou Auxiliares de Ensino e a sua situação no S.P.I. (Dizer se são assalariadas, Contratadas ou declarar o que são)
- 9) Informar conscienciosamente e responsabilmente sobre a capacidade, eficiência e boa vontade de cada uma dessas Professoras ou Auxiliares de Ensino.
- 10) Declarar o número de alunos que possui cada sala de aula e cada ESCOLA.
- 11) Declarar de um modo geral o que está sendo ensinado nessas ESCOLAS.
- 12) Relacionar quais os materiais escolares que se fazem mais necessários em todas essas ESCOLAS.

São esses os dados considerados indispensáveis na fase inicial de organização em que se encontra o "SETOR EDUCACIONAL" do S.P.I. e contamos com a colaboração dessa Chefia, no sentido de sermos atendidos com a maior brevidade, clareza e exatidão possíveis, tendo em vista o relevante papel que deverá desempenhar o referido "SETOR EDUCACIONAL" dentro deste Serviço.

Atenciosas saudações.

Lincoln Allis
Lincoln Allis Pope - Chefe da S.O.A.

S. P. I.

2ª Inspeção Regional

emitida em 30 de Março de 1957

protocolo sob n.º 389

v.º 45 Página 1/1

BR RJMI SPI-IR2-666-249-00-f-32

A aux. Boudes, Poles, para melhorar o esp. de sala e outros materiais

Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_249_00_f1_f404_037

Neste memorando é solicitado vários dados sobre as escolas, 1) Relação e localização de todos os postos do SPI, subordinados a esta inspeção, declarando a sua finalidade (dizer

se o Posto é de atração, colonizadora, etc.); 2) Relação e localização de todas as Escolas declarando o nº de salas de aulas, os horários em que funcionam as aulas, o nº de professores com seus respectivos nomes, seus salários e informar sobre a capacidade, eficiência e a boa vontade desses professores. Sobre os alunos, o memorando solicita o nº de alunos de cada sala de aula e de cada escola; e por fim, relacionar que está sendo ensinado nessas escolas os materiais escolares mais necessários utilizados nas escolas.

Abaixo o documento de criação do Setor de Educação do SPI em 1957.

Figura 24: criação do Setor de Educação do SPI em 1957.

001893

DE 12311 SPI-IR2-666-249-00-f166

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Serviço de Proteção aos Índios

Dto. Federal

M/ Circular nº 272 Em 31/7/57

Sr. Chefe da 2ª Inspeção Regional do S.P.I. Belém- Pará

Senhor Chefe,

Conforme o nesso M/ Circular nº 91/57, está sendo organizado e já se encontra em funcionamento o Setor Educacional do Serviço de Proteção aos Índios, diretamente subordinado à Secção de Orientação e Assistência (S.O.A.).

Assim é que solicitamos dessa Chefia o encaminhamento das Circulares em anexo, aos Srs. Professores a que se destinam, por intermédio dos Srs. Encarregados dos Postos aos quais estão subordinadas as suas respectivas ESCOLAS.

Saudações.

Lincoln Allison Pope
Lincoln Allison Pope
Chefe da S.O.A.

S. P. I.
2.ª Inspeção Regional
Belém, 13 de 8 de 1957
Protocolo sob n.º 834
Livro 16 Página 20

Providenciado

ARQUIVE-SE
Em 16 de 8 de 1957
Pires
Chefe da 2.ª Inspeção Regional

S.Ed./SSM-.

M/Circular nº 272 datado em 31/07/1957 ao sr. Chefe da 2ª Inspetoria Regional do SPI. Este documento confirma que já se encontra em funcionamento o Setor Educacional do Serviço de Proteção aos Índios, diretamente subordinado à Secção de Orientação e Assistência (S.O.A.)

Em 1959, o Setor de educação do SPI, juntamente com o Ministério da Educação, realizaram seminários para debaterem um programa educacional para as escolas indígenas.

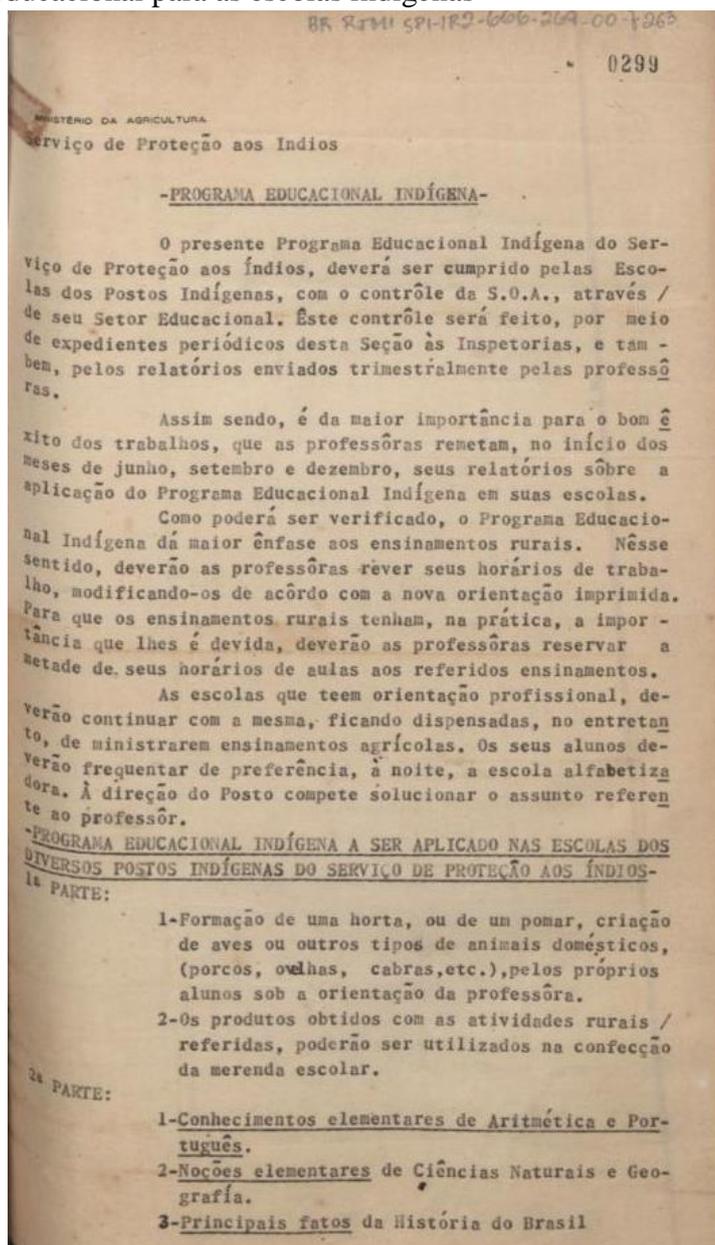
O programa diz que deve ser cumprido nas escolas com acompanhamento da SOA, através dos relatórios dos professores que deverão ser enviados nos meses de junho, setembro e dezembro. O programa dava ênfase aos ensinamentos rurais ou agrícolas. Portanto, os professores deveriam reorganizar seus horários, reservando uma parte para os ensinamentos agrícolas. As escolas profissionalizantes estavam dispensadas dos ensinamentos agrícolas, os alunos desses cursos deveriam frequentar a alfabetização à noite.

O programa dividia as atividades em quatro partes;

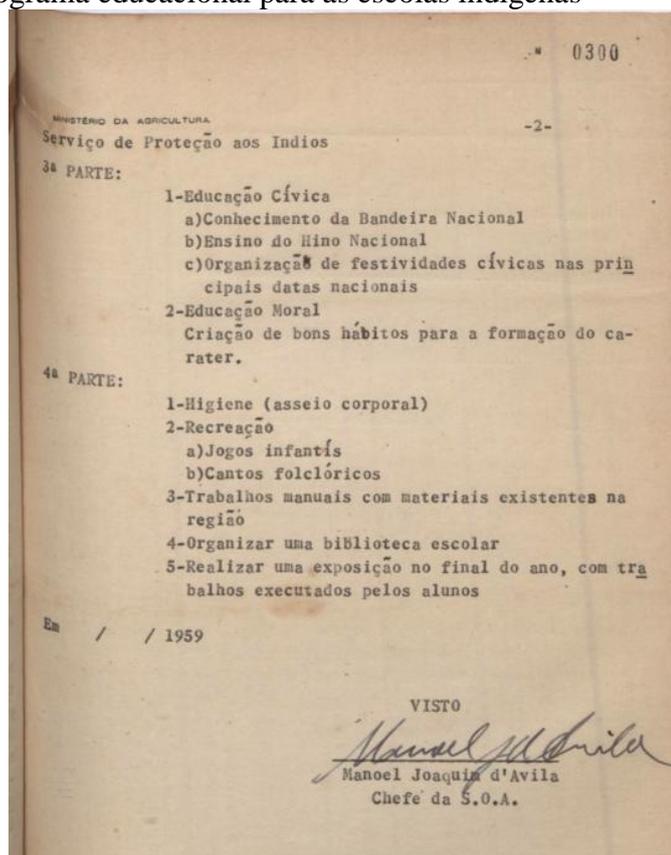
Na 1ª parte os alunos teriam uma formação em fazer horta, criação de animais domésticos sob a orientação da professora; na 2ª parte teriam o aprendizado de aritmética, aprendizado da língua portuguesa, conhecimento gerais da alfabetização em ciências naturais, geografia, história do Brasil; na 3ª parte era a formação cívica em geral, conhecer as datas comemorativas na comunidade; e na 4ª parte, noções higiênicas, aprender a cuidar do corpo, recreação, conhecer as brincadeiras, fazer trabalhos usando os recursos existente na natureza.

Podemos afirmar que nessa época foi elaborado o programa educacional indígena a ser aplicado nas escolas dos diversos postos indígenas do serviço de proteção aos índios:

Figura 25: Programa educacional para as escolas indígenas



segunda parte do Programa educacional para as escolas indígenas



“Doc-br-rjmi-spi-ir2-666-269-00-f1-f857-300.jpg e doc-br-rjmi-spi-ir2-666-269-00-f1-f857-301.jpg... (serviço de proteção aos índios: este é o presente programa educacional indígena que deveria ser cumprido nesta época pelas escolas nos postos indígenas, com o controle da s.o.a., / através do seu setor educacional...)”

Documento – Ministério da Agricultura, Serviço de Proteção aos Índios, Programa de Educacional Indígena – O presente Programa Educacional Indígena do Serviço de Proteção aos Índios, deverá ser cumprido pelas Escolas dos Postos Indígenas, com o controle da SOA, através do seu Setor Educacional. Este controle será feito, por meios de expedientes periódicos desta seção às Inspetorias, e também, pelos relatórios enviados trimestralmente pelas professoras.

Assim sendo, é de maior importância para o bom êxito dos trabalhos, que as professoras remetam, no início dos meses de junho, setembro e dezembro, seus relatórios sobre a aplicação do Programa Educacional Indígena em suas escolas.

Como poderá ser verificado, o Programa Educacional Indígena dá maior ênfase aos ensinamentos rurais. Nesse sentido, deverão as professoras rever seus horários de trabalho, modificando-os de acordo com a nova orientação imprimida. Para que os ensinamentos rurais tenham, na prática, a importância que lhes é devida, deverão as professoras reservar a metade de seus horários de aulas aos referidos ensinamentos.

As Escolas que tenham orientação profissional, deverão continuar com a mesma, ficando dispensadas, no entretanto, de ministrarem ensinamentos agrícolas. Os seus alunos deverão frequentar de preferência, à noite, a escola alfabetizadora. À direção do posto compete solucionar o assunto referente ao professor.

Abaixo a transcrição do programa de educação:

Programa Educacional a ser aplicado nas Escolas dos diversos Postos Indígenas do Serviço de Proteção aos Índios - SPI.

1ª PARTE:

1 – Formação de uma horta, ou de um pomar, criação de aves ou outros tipos de animais domésticos, (porcos, ovelhas, cabras, etc...), pelos próprios alunos sob a orientação da professora.

2 – Os produtos obtidos com as atividades rurais / referidas, poderão ser utilizados na confecção da merenda escolar.

2ª PARTE:

- 1 – Conhecimento elementares de Aritmética e Português.
- 2 – Noções elementares de Ciências Naturais e Geografia.
- 3 – Principais fatos da História do Brasil.

3ª PARTE:

- 1 – Educação cívica
 - a) Conhecimento da Bandeira nacional
 - b) Ensino do Hino Nacional
 - c) Organização de festividades cívicas nas principais datas nacionais
 - 2 – Educação moral
 - Criação de bons hábitos para a formação do caráter.

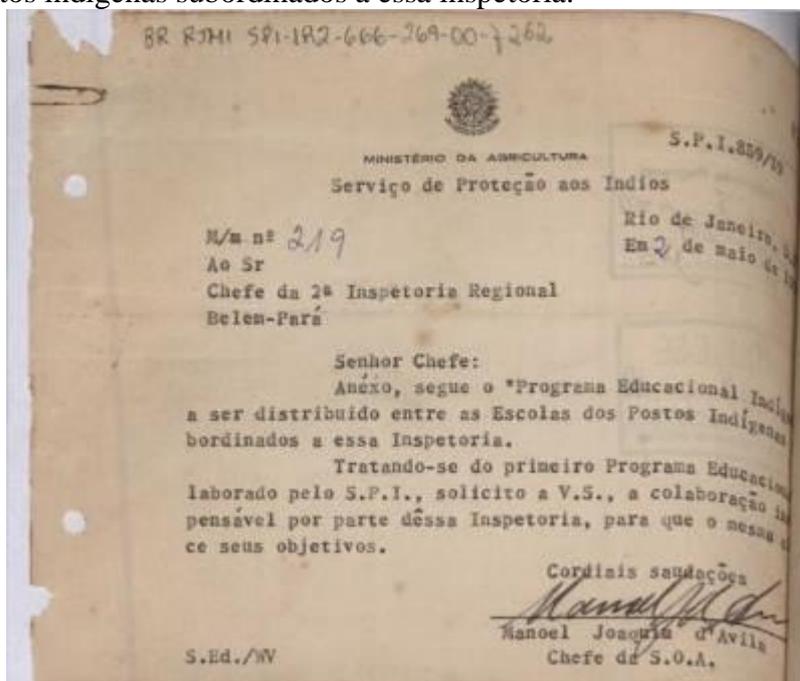
4ª PARTE:

- 1 – Higiene (asseio corporal)
- 2 – Recreação
 - a) Jogos infantis
 - b) Cantos folclóricos
 - 3 – Trabalhos manuais com materiais existentes na região
 - 4 – Organizar uma biblioteca escolar
 - 5 – Realizar uma exposição no final do ano, com trabalhos executados pelos alunos.

Em 1959.

Este programa foi elaborado em 1959 ainda na jurisdição do SPI, sendo feito a divisão em quatro partes de atividades a serem trabalhadas, confirmando o informante, indígena karipuna, falante do Kheul, fala em seu depoimento:

Figura 26: M/m nº219 - segue o programa educacional indígena a ser distribuído entre as escolas dos postos indígenas subordinados a essa inspetoria.



Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_269_00_f1_f857_298

Doc. M/m nº219, Ministério da Agricultura – Serviço de Proteção aos Índios – Rio de Janeiro Em 2 de maio de 1959 Ao sr Chefe da 2ª inspetoria regional Belém-Pará

Senhor chefe: Anexo, segue o programa educacional indígena a ser distribuído entre as escolas dos postos indígenas subordinados a essa inspetoria. Tratando-se do primeiro programa educacional indígena elaborado pelo SPI...solicito a v.s., a colaboração indispensável por parte dessa inspetoria, para que o mesmo mereça seus objetivos cordiais saudações Manoel Joaquim D'Avila chefe da s.o.a.

Neste documento afirma que o “Programa Educacional” está aprovado e será distribuído entre as Escolas dos Postos Indígenas subordinados a essa Inspetoria. E solicitam que o mesmo alcance seus objetivos, ou seja, que o mesmo seja cumprido o acordo que para nós indígenas é inaceitável.

Então esse modelo de educação regido através do programa educacional indígena, que era ofertado naquela época, veio justamente no sentido de minorar ou acabar com os costumes de tradição indígena, hora manifestados naquele contexto. Pois, a escola ao ser implantada não se procurou entender e muito menos respeitar as tradições originárias dos indígenas. Mesmo trabalhando a questão da agricultura, acontecia um ensinamento de uma prática bem diferente da que o indígena conhecia e era acostumado a fazer no seu dia a dia.

Esses conhecimentos eram impostos, obrigando os alunos a aprenderem da forma que imposta pela professora. Inclusive os escritos são bem explícitos quando alega que deve ser cumprido o que no programa está escrito. Acompanhados de relatórios trimestralmente, no sentido de comprovar se realmente os trabalhos estão tendo efeito, ou seja, se os alunos estão realmente aprendendo de acordo com o que é estabelecido no programa.

Se percebe que no documento é utilizado o termo de ajuste do horário, o que significa dizer que as professoras da época tinham autonomia na tomada de decisão quanto ao horário de trabalho de aula. Porém existia toda uma inspeção por parte dos funcionários do serviço do SPI, ou seja, estes tinham autonomia de intervir na prática do professor.

Atualmente os documentos que norteiam as escolas indígenas, são todos pautados em diversas legislações que asseguram uma escola tendo por base os princípios da interculturalidade, diferença, especificidade, bilinguismo e censo comunitário. Dessa forma o ensino acontece, tanto na língua indígena quanto na língua portuguesa, priorizando os conhecimentos de tradição indígena, porém sem descartar os conhecimentos universais considerados importantes para aprendizado daquele determinado povo.

Esse direito que foi conquistado e garantido através da constituição federal brasileira de 1988 e posteriormente ampliando e reforçado em outras legislações específicas que foram surgindo, mudou totalmente o rumo das escolas indígenas, possibilidade uma formação que vem ajudar o indígena a se fornecer politicamente, na luta pela garantia de seus direitos, tendo

conhecimento da sua identidade étnica, priorizando um aprendizado que saiba dialogar com as diversas culturas existentes.

Essas legislações que garantem autonomia para que as escolas indígenas possam decidir em diálogo através dos professores, alunos e comunidade em geral, o tipo de escola que querem para seu povo. Nesse sentido, entra o projeto político pedagógico (PPP), um documento de suma importância que norteia o rumo em que a escola deve tomar, nesse documento está escrito como deve ser conduzido o ensino na escola indígena. Nesse sentido, a escola juntamente com a comunidade é que dita as regras de como deve ser conduzida a escola ou o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Nesse caso já não tem tanta imposição como no programa educacional indígena, documento que norteava o ensino naquela época.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de educação hoje nas comunidades indígenas é fundamental importância para nosso povo. Quando ingressei, como aluno, na escola da minha amada aldeia Manga, eu era ingênuo e essa ingenuidade me levou a conquistar e descobrir muitas coisas novas, antigas, boas e ruins. Com o passar de todos os anos da educação básica, em julho de 2014 ingressei no curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP. O curso me abriu novas oportunidades, aprendi muitas coisas novas, conheci outras formas de ver o mundo. Em 2016 fui bolsista do projeto “Acervo Digital da Memória dos povos indígenas do Oiapoque” coordenado pelas professoras Mara Santos e Carina Almeida, um trabalho que faz uma trajetória da atuação do SPI entre nós, povos indígenas do Amapá.

Quando se fala em memórias do povo, quando se fala sobre a “Agência Indigenista Serviço de Proteção aos Índios” é revoltante para nós sabermos sobre o que realmente aconteceu com nossos parentes que vivenciaram todo esse processo. A palavra “proteção” podemos defini-la, no caso do SPI, em opressão, a partir dos relatos dos nossos parentes. Os relatos, principalmente quando se trata da identidade, da origem, da Língua de um povo indígena, quando eles contam que no passado foram obrigados a esquecer suas línguas, assim como o povo Karipuna perdeu sua língua originária, e em contato com a Guiana francesa foi introduzida a língua crioula.

Sabemos que a língua expressa nossos pensamentos, nossas emoções, nossos sentimentos, ela nos permite criar nossos cantos, nossas rezas e mitos e é nesse momento que podemos assegurar nossa existência para transmitirmos nossa cultura. Então, de acordo com

os informantes Karipuna, eles não sabiam falar o português, só sabiam falar a “gíria” deles como disse seu Abel, quando eles entraram na escola eles aprenderam o português. Para isso, tinham que deixar de falar o “patoá”, hoje conhecido como uma Língua original Kheúol. Nesse processo de implantação da escola, podemos perceber a luta travada entre o português contra a língua indígena que começou há muitos anos e que continua até hoje, falo isso por experiência própria como indígena e professor que o português está muito forte entre nós, porque, para começar, a carga horária da língua indígena é menor que a do português.

Durante toda minha pesquisa entendi da nossa resistência até hoje, apesar de falarem que era uma “proteção” mas aconteceu várias situações de tirar nossa cultura, nos atingindo na nossa língua, é revoltante quando nos deparamos com um programa de ensino para as escolas indígenas, um programa que deveria ser aplicado na escola, que dá maior ênfase aos ensinamentos rurais, isso é um absurdo de durante o dia ter ensinamentos agrícola e somente a noite terão de frequentar a escola alfabetizadora e dizer que os indígenas não produzem nada.

Considero este programa como uma escravidão não um ensinamento escolar, isso foi uma arma que usaram para segurar essas pessoas nesse local, usaram a escola onde nela tinha toda aquela regra desagradável de ser proibido falar a língua indígena se eles falassem eram punidos ou até mesmo apanhavam na escola o chamado “palmatorio” ou pegavam “faxina”, posso dizer que agora a escola nos ensina a brigar em prol dos nossos direitos constituídos em leis.

Atualmente temos uma escola específica e diferenciada porque temos professores indígenas formados na área da educação buscamos trabalhar de acordo com nossa própria realidade, levando em consideração a constituição federal de 1988 que nela garante a nós indígenas direitos à educação diferenciada, as terras que tradicionalmente ocupamos... Nela ganhamos autonomia e hoje o governo federal tem por obrigação de nos ouvir caso contrário temos uma arma poderosa que podemos contar que chama-se Ministério Público, essas são as grandes conquistas dos povos indígenas.

Diante disso tudo, posso afirmar que a escola quando foi pensada e trazida junto ao povo indígena Karipuna, tinha como principal propósito, acabar com a cultura de modo geral dos indígenas, principalmente com a língua. Pois, nesse contexto o governo brasileiro desenvolvia a política de integração do indígena a sociedade nacional, ou seja, queriam apagar as raízes indígenas e dizer que só existe um povo nesse país, “a nação brasileira”.

Nesse período o Brasil estava em plena ditadura militar, um governo baseado na ordem e disciplina, uma regra totalmente severa, de autoritarismo e imposição. O SPI órgão

criado pelo governo para atuar politicamente dentro das aldeias, levava a ordem e o progresso para dentro das comunidades indígenas, nesse caso o SPI era quem controlava a escola, em momento algum procuram respeitar o habito de vida das populações indígenas, pelo contrário tentaram acabar com tudo o que tinham de tradição originaria.

Portanto, a escola foi pensada por não índios, pessoas que eram totalmente contra os povos indígenas existentes desde sempre no Brasil. Se pensou para acabar com a cultura de modo geral dos mesmos, foi pensada para o indígena, mas como uma arma que viesse matar todas as suas raízes. Pois não se procurou relevar que esses povos falavam uma língua própria, vivam do seu próprio jeito em contado com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carina S. de.; OLIVEIRA, Leonia R.; OLIVEIRA, Lilia R. **Atuação do Serviço de Proteção aos Índios entre os Povos Indígenas de Oiapoque**. IN: BRITO, A. U.; DALMÁCIO, C. E. da C.; SIMÕES, H. C. G. (Org.). Ciências Humanas: resultados dos projetos de iniciação científica da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. Macapá: Ed. UNIFAP, 2016. p.41 – 66.

ARNAUD, Expedito. 1989b[1969]. **“Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a proteção oficial brasileira”**. In: O índio e a expansão nacional. Belém: CEJUP.

ASSIS, Eneida Corrêa de. 1981. **Escola indígena: uma “frente ideológica”?** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Brasília: PPGAS-UNB.

BASTOS, M. H. C. 2014. **Educação Escolar Indígena na região do Uaçá no município de Oiapoque-Ap (1964-1985)**. Tese de Doutorado em Educação. Uberlândia: PPGE-UFU.

GALLOIS, Dominique T.; GRUPIONI, Denise F. **Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará. Quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?** São Paulo: IEPÉ, 2003.

RICARDO, Carlos Alberto. **Povos Indígenas do Brasil – Amapá e norte do Pará**. Vol. 03. São Paulo: CEDI, 1983.

TASSINARI, Antonella I. M.. **No bom da festa. O processo de construção Cultural das Famílias Karipuna do Amapá**. São Paulo: EDUSP, 2003.

VIDAL, L. B. *et al.* **A presença do invisível: vida cotidiana e ritual dos povos indígenas do Oiapoque**. Rio de Janeiro: IEPE – Museu do Índio, 2016.

FONTE DOCUMENTAL

ACERVO DIGITAL MUSEU DO ÍNDIO – 2016

Os Karipuna do Uaçá -- Um filme do Coletivo Karipuna de Audiovisual Oiapoque, AP. 2019. Digital. Cor. 22’

Os Galibi-Marworno - Um filme do Coletivo Galibi-Marworno de Audiovisual Oiapoque, AP. 2019. Digital. Cor. 21’

FONTES ORAIS**ENTREVISTADOS:**

Abel dos Santos – Nascido em 30/07/1933, atualmente está com 86 anos. – entrevista cedida a Edilan dos Santos em 05/02/2018, na residência do entrevistado na aldeia indígena Manga.

Avelino dos Santos – Nascido em 10/11/1944, atualmente está com 75 anos. – entrevista cedida a Edilan dos Santos em 10 de fevereiro de 2019, na residência do entrevistado na aldeia indígena de Espírito Santo – Rio Curipi.

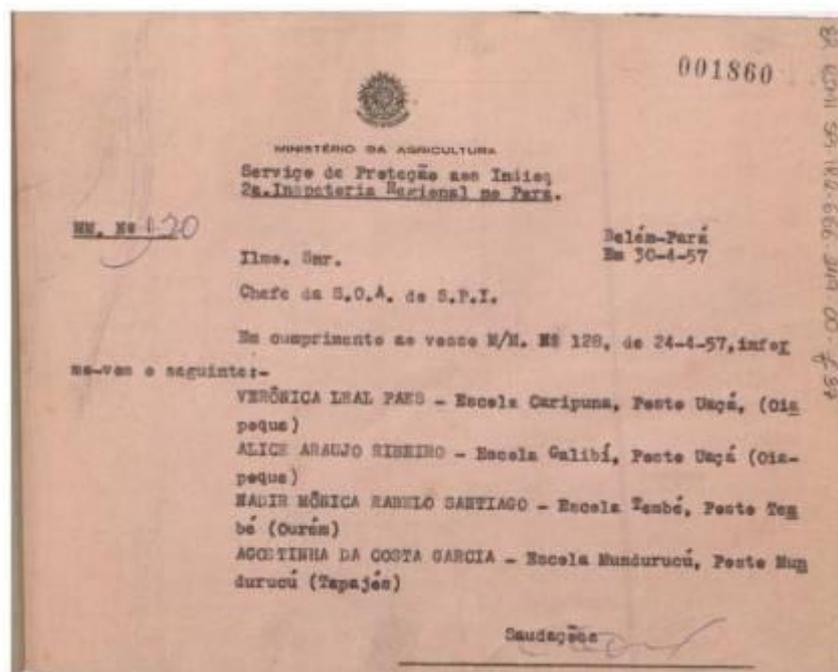
Catarino dos Santos Quaresma – Nascido em 29/10/1946, atualmente está com 73 anos. – Entrevista cedida a Edilan dos Santos em 28/09/2018, no Encruzo, confluência com o rio Uaçá.

Izabel Narciso dos Santos – Nascida em 21/06/1941, atualmente está com 78 anos. - entrevista cedida a Edilan dos Santos em 10 de fevereiro de 2019, na residência da entrevistada na aldeia indígena de Espírito Santo – Rio Curipi.

ANEXOS

ANEXO I**DOCUMENTOS DAS ESCOLAS DO UAÇÁ**

Ficha com os nomes dos professores das escolas do Curipi e Uaçá de 1957.



Referência do documento: br_rjmi_spi_ir2_666_249_00_f1_f404_043

Documento do Ministério da Agricultura e do SPI, Memorando nº120 datado em 30/04/1957, informa formalmente os nomes das professoras que atuaram nas escolas naquela época: na Escola Caripuna, Posto Uaçá (Oiapoque) - Professora Verônica Leal Paes; Escola Galibi, Posto Uaçá (Oiapoque) - Professora Alice Araújo Ribeiro.

MAPAS DE FREQUÊNCIAS DA ESCOLA DO RIO CURUPI

Documento mapa de frequência escolar dos alunos da Escola no Rio Curupi, datado em outubro de 1948, nele encontramos o seu Abel dos Santos, um dos meus entrevistados, no número de ordem 45 – Caripuna. Seu Abel estava com 10 anos de idade. Nesta ficha ele tem 26 comparecimentos, 5 faltas e aproveitamento Bom.

MINISTERIO DA AGRICULTURA S. P. I.		FREQUENCIA ESCOLAR				Ano: 1948		Mês: Outubro	
I. R.		POSTO: São João do Rio Maci (Rio Curupi)							
nr de ordem	N O M B R E	Tribo	Idade	Sexo	Comparecimento	Faltas	Aproveitamento	Observações	
44	Francisco Jason Leal		7 anos	Masc	26		Muito bom		
45	Abel dos Santos	Caripuna	10 "	"	24	5	Bom		
46	Abel dos Santos	"	7 "	"	15	15	"		
47	Rolinda dos Santos	"	9 "	Fem.	16	10	-		
48	Manoel Margarido dos Santos	"	6 "	Masc	12	14	-		
49	José Batista	"	14 "	"	20	6	Muito bom		
50	Cezidina dos Santos	"	11 "	Fem.	15	11	Má		
51	Paulina Fortes	"	7 "	"	23	3	-		
52	Paulita Fortes	"	10 "	"	24	2	-		
53	Felizardo Alexandre	Galibi	15 "	Masc	22	4	Sp.		
54	Manoel Fortes	Caripuna	7 "	"	14	12	-		
55	Maria Davina	Galibi	8 "	Fem.	21	5	-		
56	Manoel Balbino da Pinão	Caripuna	10 "	Masc	19	7	-		
57	Manoel Aquarrio da Pizão	"	6 "	"	20	6	-		
58	Maria da Conceição dos Santos	"	10 "	Fem.	21	5	Sp.		
59	Maria Alexandrina dos Santos	"	12 "	"	12	14	Bom		
60	Julita dos Santos, Bimburo	"	14 "	"	25	1	Má		
61	Glaudina dos Santos	"	9 "	"	23	3	-		
62	Priscina dos Santos	"	6 "	"	23	3	-		
63	Maria Eliete	Galibi	10 "	"	23	3	Má		
64	Arcelina dos Santos	Caripuna	10 "	"	22	4	-		
65	Maria Vitalina	Galibi	9 "	"	21	5	-		
66	Maurício Amarae	Caripuna	6 "	Masc	20	6	Bom		

referência br_rjmi_spi_ir2_666_124_00_f1_f460_042

Neste mapa encontramos o nome da saudosa dona Maria Alexandrina dos Santos, conhecida por Xandoca, considerada para nós, povo Karipuna, a nossa matriarca indígena. Ela está registrada no número de ordem 59, estava com 12 anos, foram registrados 12 comparecimentos e 14 faltas, mas mesmo, assim tinha um Bom aproveitamento. Nele também encontramos no nº de ordem 44 o seu Francisco Jason Leal conhecido como Jacó, sobrinho da professora Verônica Leal, ele é uma pessoa que temos um grande respeito. Na lista está a dona Maria Davina no nº de ordem – 55, uma das primeiras pessoas a chegar na aldeia Manga.

Na ficha abaixo, constam nomes de pessoas que ainda estão vivas e que moram em diferentes aldeias:

No documento 113- 01817- Escola Caripuna de 1950 do mês de janeiro - é uma lista de 72 alunos;

nº de ordem	NOME	Tribo	Idade	Sexo	Comparecimento	Faltas	Aprovelamento	Observações
24	Getúlio dos Santos	Caripuna	8a.	Masc.	24	2	Ap.	
25	Geórgio dos Santos	"	6"	"	26		"	
26	Tereza dos Santos	"	10"	Fem.	24		"	
27	Abel dos Santos	"	8"	"	25	1	"	
28	Guimardo Vieira	"	7"	Masc.	24	2	"	
29	Mário dos Santos	"	15"	"	24	2	"	
30	Maria Florina dos Santos	"	9"	Fem.	25	1	"	
31	Henrique dos Santos	"	7"	Masc.	24	2	"	
32	Levita Fortes	"	8"	Fem.	23	3	"	
33	Adriano Fortes	"	7"	Masc.	23	3	"	
34	Alcino dos Santos	"	8"	"	23	3	"	
35	André Batista	"	8"	"	24	2	"	
36	Manoel Sverino Fortes	"	11"	"	25	1	"	
37	Miguel Batista	"	8"	"	23	3	"	
38	Evairato Batista	"	6"	"	24	2	"	
39	Emília dos Santos	"	7"	Fem.	24	2	"	
40	Severiano Fortes	"	6"	Masc.	21	5	"	
41	Luiza Vieira	"	8"	Fem.	25	1	"	
42	Emília Fortes Pimentel	"	8"	"	21	5	"	
43	Abel dos Santos	"	11"	Masc.	21	5	"	

Visto: _____ de _____ de _____

Chefe de I.R. _____ Auxiliar de ensino _____

Agente referência _____

SR F-311-SP1-182-666-130-00-1947

referência br_rjmi_spi_ir2_666_130_00_f1_f333 (80)

Aqui listo os nomes das pessoa que ainda estão vivas, inclusive o nome do seu Abel, um dos meus entrevistado:

Hilaria dos Santos;
 Tereza dos Santos;
 Henrique dos Santos;
 Emidia Forte Pimentel;
 Abel dos Santos;
 Gil dos Santos;
 Manoel Margarido dos Santos;
 Maria Eliete;
 Antônio dos Santos;
 Constância dos Santos.

Nessa ficha, no nº de ordem 33, está o nome de um grande líder indígena que sempre se dedicou no serviço da igreja católica, sempre disposto nos eventos religiosos, o saudoso seu Adriano Forte que faleceu recentemente.

Mapa abaixo, ele traz as notas obtidas pelos alunos do rio Curipi na data de 27 de outubro de 1956.

Mapa demonstrativo das notas obtidas pelos alunos da escola municipal do rio Curipi - Urua, nos exames de 1956

Alfabetização Inferior				1ª. Série				2ª. Série				3ª. Série			
Nº	Nome	Linguagem Escrita-Oral	Média	Nº	Nome	Linguagem Esc. - Oral	Média	Nº	Nome	Linguagem Esc. - Oral	Média	Nº	Nome	Linguagem Esc. - Oral	Média
1	Luís Felipe	76 +	50	63	1	Luís da Paixão	56 +	20 +	17 +	80	58				
2	Luís dos Santos	60	50	55	2	Inês Fortes	53	14	28	90	62				
3	Avelino dos Santos	60	65	63	3	Manoel Felipe	37	20	74	80	70				
4	Ana dos Santos	72	45	59	4	Família dos Santos	53	24	24	100	67				
5	Nelson Batista	32	45	39	5	Romaldo dos Santos	50	17	64	70	67				
6	Paulino dos Santos	50	65	58	6	Genário dos Santos	21	21	12	50	35				
7	Fernando Aníbal	26	40	33	7	Raimundo Aníbal	46	16	24	40	42				
8	Clementina Aníbal	32	30	26	8	Leandro dos Santos	19	14	12	30	25				
9	Virgínia dos Santos	50	45	48	9	Maria Isabel	32	16	2	50	33				
10	Ricoldete dos Santos	70	30	50	10	Constância dos Santos	19	24	30	60	54				
11	Maria Anely Leal	60	45	53	11	Alcides Felipe dos Santos	2	14	2	40	19				
12	Genário Pinental	10	30	22											
13	Verônica dos Santos	60	30	45											
14	Florencia Fortes	38	40	39											
15	André Fortes	52	55	54											
Alfabetização Superior				1ª. Série				2ª. Série				3ª. Série			
Nº	Nome	Linguagem Esc. - Oral	Mat. - Média	Compos. Média	Nº	Nome	Linguagem Esc. - Oral	Mat. - Média	Compos. Média	Nº	Nome	Linguagem Esc. - Oral	Mat. - Média	Compos. Média	
1	Luís dos Santos	14 +	14 +	30 +	13 =	61	1	Alvaro dos Santos	82	72	75	77			
2	Marival Gelo	22 +	13	40	59	84	2	Alcino dos Santos	35	24	36	31			
3	Amândio dos Santos	17	7	6	7	37 =	3	Osli dos Santos	71	49	40	52			
4	Senaço Fortes	19	7	30	7	63 =	4	Isaías dos Santos	75	32	55	54			
5	Valentim dos Santos	17	13	23	7	60 =									
6	Delfina Fortes	15	11	15	20	51 =									
7	Domingos Aníbal	6	9	27	5	37 =									
8	Alcides Felipe	15	19	15	10	50 =									
9	Ivan dos Santos	5	14	0	7	26 =									

Curipi, Urua, 27 de outubro de 1956

Referência Microfilme 130_00018

O que o mapa mostra é que o sistema de ensino era dividido em: alfabetização inferior; alfabetização superior; 1ª série; 2ª série e 3ª série. Neste identifiquei o seu Avelino dos Santos onde demonstra em 1º lugar de sua turma com uma média de 60 pontos em linguagem oral e escrita, matemática com 65 pontos e a média final é de 63 pontos.

MAPA DE FREQUÊNCIA DA ESCOLA DO RIO UAÇÁ

NOME		Nacionalidade	Mês	Ver	Out	Nov	Dez	Total	Observações
1	Manoel Primo dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
2	Manoel Rodrigues	Português	10	11	12	13	14	5	
3	Manoel Rosário dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
4	João das Neves	Português	10	11	12	13	14	5	
5	Manoel Otávio dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
6	Antônio Pereira dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
7	Vicente dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
8	Manoel Costa	Português	10	11	12	13	14	5	
9	Antônio dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
10	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
11	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
12	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
13	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
14	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
15	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
16	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
17	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
18	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
19	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
20	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
21	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
22	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
23	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
24	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
25	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
26	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
27	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
28	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
29	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
30	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
31	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	
32	Manoel dos Santos	Português	10	11	12	13	14	5	

Referência br_rjmi_spi_ir2_666_124_00_f1_f460_062

Mapa de frequência da Escola do Rio Uaçá datada de novembro de 1948. É um mapa muito interessante, chama nossa atenção a forma como os nomes dos alunos eram identificados, em duas colunas. Uma coluna chamada de “português” para ser colocado o nome do aluno com os nomes portugueses, a outra coluna chamada “indígena” para ser colocado o nome indígena do aluno. Além disso, na ficha de presença tem uma terceira coluna chamada “tribu” para identificar as etnias dos alunos, assinado pelo chefe encarregado Manoel Primo dos Santos, seu Coco, e pela auxiliar de ensino Eudoquinha Fernandes Monteiro.

ANEXO II

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA SEU ABEL DO SANTOS - 1

file:///C:/Users/Windows 10/Documents/TCC_EDILAN/transcricao/transc-abel/arquivo-abel.eaf

Quarta-feira, 13 de Fevereiro de 2019 15:42

EDTrs bom, a primeira vez que o senhor estudou, né?

ABTrs a primeira, primeira escola que entrou aqui...

ABTrs nós, nós ainda não estava aqui, e quem que começou, o iniciou

ABTrs era o..., primeiro, primeiro, primeiro, eu sei quem foi o primeiro professor que trabalhou aqui

ABTrs era...naquele tempo já era SPI há muito tempo que veio

ABTrs essa escola, quem estudou foi o finado velho Pübok

ABTrs a primeira escola que entrou

ABTrs essa escola estava no Espírito Santo na parte de baixo

ABTrs é lá que estava essa escola, que o finado velho Pübok

ABTrs estavam estudando, ele o velho Pübok, o Henrique

ABTrs o velho Henrique, a escola deles estava tudo pra lá

ABTrs e a nossa escola não estava existindo não, mas a primeira escola, é lá, era lá no Espirito Santo

ABTrs essa escola eu ainda nem estava, mas eu já estava entendendo como era essa escola

ABTrs então, quando essa escola acabou, aí sim, bom já estava iniciando esse negócio de SPI né? Bom, há muito tempo...

ABTrs depois quando terminou, agora que passou... depois que entrou essa escola que nós estudamos

ABTrs mas, há muito tempo olha já estou com 85 anos, 85 anos

ABTrs já muito tempo que nós estudamos aí

ABTrs então aquela nossa escola quem iniciou, a primeira professora nossa que veio nos ensinar aí, que veio educar nós aí, é professora Verônica

ABTrs Verônica, Verônica, é ela que veio ser a nossa professora, aí, aí no Santa Isabel

ABTrs essa escola não foi iniciado pelo, en, en como ele dizia, pelo governo

ABTrs ainda não era, é, é sim é o velho Coco finado

ABTrs que mandou fazer uma casinha lá

ABTrs ele que colocou ela lá que é para ela lecionar na escola pra nós

ABTrs então de lá que nós vinha do Espirito Santo para Santa Isabel

ABTrs aquela nossa escola, então já estava, e o SPI já veio, já estava muito antigo

ABTrs primeiramente o velho quando, quando o SPI começou,
ABTrs já estava, já tinha um morador lá,
ABTrs que era o finado Tiodor Lear, ele tinha uma grande usina,
ABTrs então, que exportava pau de rosa para serrar lá no Encruzo SPI, ele que estava lá.
ABTrs Então ia em cima ele tinha outra usina, Tiodor Lear já estava lá.
ABTrs Depois dele chegou agora o SPI, que veio agora o,
ABTrs o finado Eurico Fernando, então é ai que iniciou,
ABTrs então desde aquele tempo começou o SPI eu não sei de que ano
ABTrs eu não estou lembrado de que ano que eles começaram trabalhar ai.
ABTrs então era ele que era chefe do SPI o,
ABTrs velho Erico Fernando, depois quando ele saiu entrou o,
ABTrs o Raimundinho Fernando o filho dele.
ABTrs Naquele tempo não tinha, nunca tinha a depois.
ABTrs O Erlis trabalhou lá na escola, mas diz que agora já, mas primeiro, Não tinha escola
lá, não tinha
ABTrs Maria ãhã ãhã ã conheci sim ela ãhã
ABTrs ela estava ela é professora também Ramiria ãhã, eu conheço ela,
ABTrs eu não sei ela não lecionava para cá, sabe aonde?
ABTrs Lá no Kumarumã é lá que ela trabalhava,
ABTrs essa Ramira, ela não trabalhou pra cá não.
ABTrs quem entrou primeiro, a primeira foi a professora Verônica
ABTrs não era a mesma língua sabe, agora nós vamos o que aconteceu com nós
ABTrs nós não sabia falar eeeeem... em português
ABTrs nós não sabia falar, só sabia falar a nossa gíria mesmo,
ABTrs mas eles proibiram nós não falar o patoá – Kheúol,
ABTrs é para nós só falar o português, então é assim
ABTrs então era só a nossa língua Kheúol que nós falávamos, só nossa língua mesmo.
ABTrs Aí depois que nós entramos na escola que nós começamos a trabalhar,
ABTrs estudar, nós começamos estudar.
ABTrs É agora que estou vendo, esse tipo de escola mudou é diferente
ABTrs nós começamos estudar no abc, uma cartilhazinha de abc
ABTrs ãhã, assim começamos estudar,
ABTrs começamos estudar, aí que começamos estudar abc

ABTrs até quando nós conhecemos as letras tudo, agora que nos passaram a cartilha
 ABTrs para nós juntarmos as palavras,
 ABTrs para formar palavras, é assim que começamos a estudar.
 ABTrs Agora modificou tudo, agora é só entrar na escola já tá.
 ABTrs Olha para nós fazermos uma conta,
 ABTrs nós não entramos logo que é para passar, não, não foi assim não.
 ABTrs Nós entramos para começar a professora fazia tudo.
 ABTrs Nós tínhamos uma tabuada que ela ensinava só mesmo contar os números
 ABTrs contar e aprender todos os números até,
 ABTrs que nós aprendemos todos os números, agora sim que ela passou
 ABTrs para gente começar fazer continha,
 ABTrs fazendo devagar para nós podermos aprender, então foi assim,
 ABTrs que a nossa escola foi.
 ABTrs que eu estudei, eu mesmo foi assim
 ABTrs Olha a nossa escola quando começamos a estudar,
 ABTrs nós começamos agora nós entramos negócio da,
 ABTrs negócio da história, gramática, ciências,
 ABTrs geografia, aritmética tudo nós começamos estudar,
 ABTrs passou ai ãhã tudo isso nós começamos a estudar.
 ABTrs se era ensinado? Religioso? religião a sim religião a sim era o mesmo
 ABTrs ãhã ensinavam tudo, ensinava tudo, tudo...
 ABTrs Religião tudo, tudo ensinava.
 ABTrs Então essa religião?
 ABTrs A religião que nós tem é a religião católica mesmo é,
 ABTrs não tinha naquele tempo não existia evangélico nenhum,
 ABTrs era só católico mesmo, não ensinavam esses negócio de agrícola.
 ABTrs Então eles passaram agora, eles ensinavam para nós,
 ABTrs é quando nós começamos a estudar esse negócio de aprender gramática então ai

LEGENDAS:

EDTrs – ED – Edilan –Trs - Transcrição

ABTrs – AB – Abel – Trs - Transcrição

ENTREVISTA SEU ABEL DO SANTOS - 2

file:///C:/Users/Windows 10/Documents/TCC_EDILAN/transcricao/transc-abel/trnascricao-abel-2.eaf

Quarta-feira, 13 de Fevereiro de 2019 15:58

ABTrs Primeiramente que nós estudamos, que nós começamos a estudar foi

ABTrs negócio de a

ABTrs negócio de a b, a, b, c

ABTrs a b c que nós começamos a estudar, depois, quando nós

ABTrs quando nós terminamos de estudar o a b c

ABTrs nós passamos para, como é? Pra sílabas,

ABTrs que é para, que é para juntar as palavras, sabe? Assim.

ABTrs que nós, que nós juntamos as palavras ba, ba

ABTrs be, be nos juntamos, nós

ABTrs Assim, nós fomos aprendendo

ABTrs devagar, devagar, quando terminamos de estudar toda a carta de abc.

ABTrs Agora que nós comprava uma cartilha que tinha que ensinava a e i o u

ABTrs b a ba

ABTrs be be b i bi b o bo b u bu

ABTrs É assim que nós fomos estudar.

ABTrs Começamos estudar, daí quando nós terminamos de,

ABTrs de estudar essa cartilha, era uma cartilha.

ABTrs Então ai nós passamos

ABTrs compramos um, pegamos aqueles, esses livros

ABTrs que é já para nós começarmos,

ABTrs juntar as palavras.

ABTrs Para nós termos, pra nós começarmos ler as palavras.

ABTrs Sabe, mas, nós estudávamos soletrando.

ABTrs Não era corrido como agora é, era tudo, não, era tudo soletrado.

ABTrs Para nós podermos entender

ABTrs as letras e as palavras.

ABTrs assim foi,

ABTrs foi o nosso estudo,

ABTrs no começo do nosso estudo foi assim.

ENTREVISTA COM SEU CATARINO DOS SANTOS QUARESMA - 1

file:///C:/Users/Windows 10/Documents/TCC_EDILAN-2019.1/transcricao/trans-catarino/trnascricao-catarino-1.eaf

Sexta-feira, 26 de Julho de 2019 15:14

EDTrs Boa tarde, estamos aqui no encruzo, na confluência do rio Curipi com o rio Uaçá

EDTrs onde foi o primeiro posto instalado pelo SPI

EDTrs em 1942, quando foi instalada a primeira escola, onde o meu tema

EDTrs abrange a primeira escola do rio Curipi

CQTrs É por que tempo do

CQTrs tempo do velho Eurico, Raimundinho e Djalma

CQTrs foi complicado um bocadinho não teve muita coisa mas depois que Djalma

Ficou mesmo aqui no encruzo

CQTrs ai foi complicado, foi colocado uma escola

CQTrs compreende? ai tinha muita, muita gente ai no encruzo, sabe?

CQTrs muita gente da kumarumã do urukaua

CQTrs Só não do Santa Isabel nem Espírito Santo só vinham mesmo de passeio

CQTrs ali, Gabriel Pestana

CQTrs aqui bomba finado

CQTrs então o encruzo tinha um bocado de gente muita gente aqui mesmo mas

CQTrs hoje tudo abandonado

CQTrs mas foi bem funcionaram com graça a Deus ai tinha comercio

CQTrs gente vinha fazer nossas compras la do Açaizal

CQTrs gente vinha fazer nossas comprinhas aqui no comercio do Djalma

CQTrs tinha tudo vinha tudo vinha um barco e uma canoa

CQTrs de Belém ele que trazia mercadoria

CQTrs no encruzo tinha muita gente meu filho muita gente

CQTrs no encruzo tinha casa tinha olaria, serraria

CQTrs tudo funcionava muito mesmo

CQTrs a escola funcionava pelo Pacinho já.

CQTrs Pacinho, funcionava pouca coisa sabe

CQTrs depois foi embora pra Kumarumã, ele foi pra kumarumã dá aula pra lá Sabe? ai fechou aqui a escola.

CQTrs Pacinho. Era de Belém, foi tempo do Djalma ai quando

CQTrs quando o Djalma saiu daqui que foi embora pro Taparabu
CQTrs ai ficou Raimundinho ficou tomando conta ai de Belém também
CQTrs irmão do Eurico ãhã
CQTrs todos eles eram chefe aqui gente grande aqui sabe foi ãhã
CQTrs rapaz não posso te dizer nem ai nem oi sabe não posso te dizer viu
CQTrs eu por acaso, eu não estudei aqui sabe, o pessoal que estudaram,
CQTrs estudaram mas eu não cheguei estudar,
CQTrs a escola, rapaz, a escola era normal mesmo, compreende?
CQTrs qualidade de telha, qualidade de madeira.
CQTrs foi bem organizado, sabe?
CQTrs aquele tempo, era bonito aqui rapaz, o encruzo e aqui era trapiche,
CQTrs sabe mais de meio metro mais de um metro de altura,
CQTrs trapiche para todas as casas sabe lá no Santa Izabel, ãhã
CQTrs no Santa Izabel tempo da professora verônica
CQTrs aqui, tinha enfermaria,
CQTrs tinha alfaiate, tinha enfermeiro, tinha tudo aqui no encruzo
CQTrs e tudo era bem organizado, bem organizado tinha muita gente aqui,
CQTrs era isso como estou dizendo era serviço de serraria sabe,
CQTrs entre tijolo, telha e madeira,
CQTrs não ele só fazia, gente só fazia tirar sabe tirava e colocava ai
CQTrs ai serraria funcionou um bocado depois ela não funcionou mais ela foi embora sabe
CQTrs ai toda madeira que vinha o barco vinha pegar aqui sabe
CQTrs Belém vigia
CQTrs o Djalma era desse local de lá né
CQTrs ai mandava tudinho pra la sabe e não ficava nadinha aqui

LEGENDAS:

EDTrs – ED – Edilan –Trs - Transcrição

CQTrs – CQ – Catarino – Trs – Transcrição

ENTREVISTA COM SEU CATARINO DOS SANTOS QUARESMA - 2

file:///C:/Users/Windows 10/Documents/TCC_EDILAN-2019.1/transcricao/trans-catarino/trnascricao-catarino-2.eaf

Sexta-feira, 26 de Julho de 2019 15:18

CQTrs Prova da verdade, tenho até vergonha, até nojo, qual o motivo?

CQTrs Porque eles não queriam, sabe? Não queria de nojo aqui.

CQTrs Porque eles entravam na faxina, era por isso Djalma colocou

CQTrs pra falar o brasileiro, colocou escola

CQTrs no Urucauá, quebraram todinho, armaram, fizeram tudo, quebraram tudinho

CQTrs foi, não quiseram, o Djalma colocou os patife tudo aqui.

CQTrs não, porque o Djalma não queria

CQTrs nada, ia acontecer o seguinte, porque o Djalma não queria essa linguagem, Sabe?

CQTrs tá entendendo? Depois que ele a Funai, esse tempo era o tempo da Funai

CQTrs colocaram escola em toda as comunidades, pra poder aprender a falar o brasileiro, sabe?

CQTrs mas, no Urucauá não aceitaram.

CQTrs aqui aceitaram, aqui, no kumarumã, no santa Izabel

CQTrs esse tempo o manga não tinha nada três casa que tinha ãhã era só la

CQTrs Verônica ãhã

CQTrs primeiro foi a madrinha do finado meu pai professora Doquinha

CQTrs daí ela foi embora tirou as férias dela foi embora

CQTrs ai entrou a professora Verônica e aqui era o Pacinho

CQTrs é Pacinho lecionou aqui no encruzo depois foi par kumarumã

CQTrs pro kumarumã que não tinha muito aluno sabe depois o pessoal tudo cada um procuraram seu

CQTrs não nós estudava o seguinte rapaz em todo canto

CQTrs agora que modificou mais um pouco mais de primeiro a gente pegava das

Sete entrava na escola 7 hora e 11:30 terminava

CQTrs já estudava no outro dia já

CQTrs do meio dia pra tarde ninguém estudava mais sabe

CQTrs não a mesma língua mesma língua esse tempo tinha o abecedário sabe é

CQTrs o abecedário

CQTrs é aquelas letras de a b c d e f g h i j l n o p q r s t m g sabe

CQTrs é isso que é o abecedário era o abecedário sabe ai é ai

CQTrs os que estava de terceira de primeira segunda terceira quarta séria Estudava até a quinta séria

CQTrs primário até a quinta séria depois da 5ª séria não tem mais estudo

CQTrs se tu quiser aprender

CQTrs teu pai tivesse as condições ia te jogar pra Belém Manaus pra onde tu quisesse

CQTrs quisesse ter um estudo mais até a quinta série ia aqui

CQTrs nas comunidades tudinho chegava até a quinta série

CQTrs era o mesmo diz a parada o idioma era o português direto não tinha

Negócio de crioulo não

CQTrs ãha não tinha não tinha não tinha crioulo não eu vi eu já vi

CQTrs falarem naquela escola já crioulo ali com os alunos

CQTrs eu escutei a professora falando la o professor também como o nome dele? Como o nome dele?

CQTrs aquele professor que dá na frente da escola primeira escola logo

CQTrs lá no Açauzal a professora também eu vi ela soltando lá o

CQTrs primeiro era o português direto meu

CQTrs por isso que todos os professores eram brasileiros sabe

CQTrs não tinha nenhum índio tudo era brasileiro até o ajudante da professora

Era sobrinho dela la da vigia

CQTrs Jason macassa meu colega como eu estou lhe falando estou lhe dizendo

CQTrs não tinha patoá aqui não diz o caboclo a história era tudo isso agora

CQTrs quem queria seguir seu caminho seguia agora quem não queria né isso era o problema

CQTrs mas nós nunca graças a Deus nós aprendemos mas o crioulo

CQTrs assim com os amigos pra falar mesmo o patoá ãã falava não

CQTrs no Urucauá foi um problema finado tino finado Paulo

CQTrs todos foram chefe lá do Urucauá mas não teve jeito pra eles não

CQTrs era a língua deles mesmo

CQTrs tu chegava com eles, eles falavam o brasileiro contigo

CQTrs mas tu dobrar as costas é, é, ai tu não compreende

CQTrs agora kumarumã não kumarumã abriu civilizado também

CQTrs a forma deles é aquela mesma meu guerreiro cada um fazia sua casa

CQTrs cada um fazia sua agricultura
CQTrs e nós mesmo nós se formemos mais lá no açaisal mesmo de la do açaisal
CQTrs saímos porque é devido gado do finado meu avô
CQTrs foi pra kumarumã tirou 1 ano e pouco na kumarumã quando veio de lá
Trouxe gado botou ai e invadiram as roças a agente
CQTrs não podia plantar mas nada ai nós saímos de lá nós viemos ai pro jaburu
CQTrs ai que nós viemos morar
CQTrs ai nós já não fazia farinha nós já comprava sabe
CQTrs sobre negócio de plantio não banana cana melão maxixe melancia
CQTrs jerimum tudo nós, nós exportava sabe kumarumã Santa Izabel
CQTrs vendia mas era pouca coisa
CQTrs ai no encruzo foi assim foi aguentando ai depois ele foi
CQTrs se eu te falar a verdade do tempo do foi muito bom
CQTrs Pacinho Verônica professora Doquinha compreende
CQTrs ô ô ô seu Joaquim ele ainda lecionou um pouquinho não muito
CQTrs ele era enfermeiro sabe
CQTrs Joaquim era brasileiro era enfermeiro lecionou mas foi pouca coisa
CQTrs ele não deu muita coisa mas foi bem graças a Deus antes
CQTrs entrou SPI depois do SPI saiu entrou FUNAI e ai ficou seguro com a FUNAI
CQTrs nada única coisa que teve quando foi me bora pra Caiena
CQTrs de Caiena foi me bora pra Suriname de Suriname que soube que tinha escola aqui no
açaisal
CQTrs mas o açaisal tinha três casa era três casa que tinha
CQTrs não tinha nada nada nada no açaisal
CQTrs agora o açaisal cresceu um pouquinho
CQTrs sobre erro aqui no encruzo não teve nada sabe
CQTrs não teve problema nenhum sabe porque tinha chefe o chefe morava aqui mesmo
CQTrs e os trabalhador pessoal das agriculturas do
CQTrs que trabalhavam na serraria tudo moravam aqui ai não tinha erro nenhum
CQTrs não se via uma queixa não se via um problema não se via isso não se via não
CQTrs então era bem organizado graças a Deus compreende
CQTrs que deu foi o Martines e o meu primo o Bonifacio
CQTrs Martines foi nessa caixa d'agua ai

CQTrs mas problema de o Martines porque foi o problema da filha do finado Côco

CQTrs e não sei se ele está vivendo com ela até agora

CQTrs e o Bonifácio foi pela filha do Djalma sabe

CQTrs teve um problema com ela ele diz que não casava com ela mas o Bonifácio

 Não era nada sabe entendeu como era ele não era nada

CQTrs ele era caseiro do Djalma

CQTrs está entendendo trabalhou aqui no encruzo trabalhava no comercio

CQTrs ai como a pequena se passou pra ele tã nela ai ele

CQTrs pegou aqui esse negócio ainda colocaram ele ai dentro

CQTrs ai depois ai rodou Bonifácio correu pra Clevelândia serviu o quartel

CQTrs quando Bonifácio pegou de vida de cabo Djalma tratava ele assim olha

CQTrs pode perguntar dessa minha prima a Cristina que ela conta pra vocês dos antigos só e
ela aqui

CQTrs ela conta o Bonifácio o Djalma tratava ele assim ó

CQTrs acabou a brabeza do Djalma quando ele pegou divisa de sargento

CQTrs ai que piorou pegou divisa de tenente xi foi embora

LEGENDAS:

EDTrs – ED – Edilan –Trs - Transcrição

CQTrs – CQ – Catarino – Trs - Transcrição